*a outra realidade*

MARCOS DAVI FERREIRA

Parla

# ESQUIZOFRÊNICO É TU

*a outra realidade*

MARCOS DAVI FERREIRA

Parla
Livros
&
Compreensões

# Créditos editoriais

Editora: Parla - Línguas e Compreensões

Revisão de texto: Magda Collin

Capa: Marcos Davi Ferreira

Diagramação e editoração: Marcos Davi Ferreira

Produção executiva: Marcos Davi Ferreira

# Dados catalográficos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ferreira, Marcos Davi Mendonça
Esquizofrênico é tu [livro eletrônico] : a outra realidade / Marcos Davi Mendonça Ferreira. -- 1. ed. -- Guarulhos, SP : Ed. do Autor, 2026.
PDF

ISBN 978-65-02-45560-9

1. Comportamento humano 2. Esquizofrenia 3. Ficção brasileira 4. Saúde mental I. Título.

26-408297.0 CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB - SP-010133/O

ISBN 978-65-02-45560-9



## CONTRIBUIÇÃO ESPONTÂNEA

Este livro é distribuído mediante contribuição espontânea, via Pix.

O leitor tem liberdade para escolher o valor da contribuição, de acordo com sua vontade e suas possibilidades.

A leitura não está condicionada ao pagamento.

pix

Chave Pix (e-mail)

md.marcosdavi@gmail.com

# Prefácio

Não é necessário estudar psicologia para saber o quanto ela facilita a vida, embora ainda escutemos os ecos do passado que sustentam a ideia de que psicólogo é para loucos ou fracos. Informo aos amigos e amigas com toda a tranquilidade: não é assim. A psicologia é saúde.

É necessário falar sobre saúde, ensinar sobre saúde e promovê-la.

Podemos contar para as pessoas que existe TEA, o Transtorno do Espectro Autista, e que ele costuma se apresentar muito cedo na vida das crianças. Portanto, ensinar pais, responsáveis e cuidadores a observar sintomas seria de enorme importância.

Também seria ótimo espalhar que a esquizofrenia é um transtorno muito sério, mas que é possível oferecer boas condições de vida às pessoas que têm o transtorno, aos familiares e aos cuidadores.

Abertamente, devemos falar cada vez mais sobre a depressão, que está envolvida em praticamente todos os transtornos. Orientar pessoas e familiares a observar sintomas e conversar pode ser o começo de um tratamento muito bem-sucedido.

Por isso, escrevi essas histórias. Apesar de estarem em contexto ficcional, todas são baseadas em situações e questões reais. Os nomes e as circunstâncias são fictícios. Os

sintomas e as reflexões, não. Um dos fundamentos da psicologia é a confidencialidade entre o paciente e o psicólogo. Todos os contos passaram por esse rigoroso crivo ético. Ninguém foi exposto.

Nesses contos são narradas questões reconhecidas por todos, seja por ouvir falar delas, seja pela própria experiência. Nada é estranho, além da distância que nos afasta dessas coisas. Tudo tem a ver conosco, e é bom acreditar nisso.

A vida não é cheia de soluções, mas é repleta de possibilidades. São essas possibilidades que nos convidam às tentativas. Dessa maneira, mantendo as questões sempre abertas, tocamos a nossa existência para frente, ajustando as coisas. A canção *Serra do Luar*, de Walter Franco, diz: *Viver é afinar um instrumento de dentro pra fora, de fora pra dentro.*

A psicologia pega carona nas artes através da literatura.

Eu desejo, com toda a força do meu ser, que a saúde seja alcançada nesses termos: pública, integral e igualitária. Que o nosso país seja a reunião da diferença, da arte, da liberdade e da responsabilidade, país onde tudo verte com abundância, onde o povo acha que servir ao semelhante é bonito.

Que a arte, aqui manifestada pela literatura, seja percebida como um agente da vida, do conhecimento, do respeito e da convivência harmoniosa entre o indivíduo, seus iguais e a natureza.

# Sumário


| | |
|---|---|
| O Talvez | 3 |
| Dotô | 5 |
| E Agora, Dotô? | 9 |
| Esquizofrênico é Tu | 10 |
| Tristeza na Travessa dos Venezianos | 21 |
| Entrevista com Andorinha | 26 |
| Eu Leio Freud, Penso em Riobaldo | 44 |
| Diferente | 46 |
| Filho Quarenta Vezes | 53 |
| Have You Ever Seen...? | 56 |
| Guilherme O. | 59 |
| Helena, Sem Querer e aos Poucos | 67 |
| Professor Mário | 74 |
| O Deslize da Caneta | 88 |
| Caus | 90 |
| Quase Suicida | 95 |

# O Talvez

A psicologia alimenta-se da vida.

O comportamento humano é observado desde tempos incalculáveis, seja ele expresso em pinturas rupestres de paredes ancestrais ou na literatura de Homero, na relação dos humanos guerreiros com seus deuses. Tudo é descritivo, tudo é observável, quase sempre inapreensível.

Na linha histórica, o humano é, frequentemente, alvo de atribuições que o caracterizam como corpo e alma, às vezes mais alma que corpo, ou ao contrário. Somos ato e potência, somos alegria, mas também somos o lobo do próprio homem. Entre crédulos e incrédulos, o humano é filho de deuses ou o Übermensch, que transcende a si mesmo na ponta da linha do aperfeiçoamento.

A existência invalida as regras. As histórias individuais transformam esse *Homo sapiens*, que é identificado com os primatas, e reconfiguram esta classificação.

A psicologia seria equivocada se fosse classificatória. Não seria necessário termos mais uma ciência que define, agrupa, diagnostica e apresenta vereditos a partir de comportamentos que se repetem e sugerem padrões. O humano é mais que isso. Ele tem a propriedade de aprender, crescer, sofrer e, até mesmo, entender o seu sofrimento. Às vezes, consegue resolver-se e atenuar as suas dores. Outras, não se vê livre do peso da vida, mas encontra uma pacificação. Há também aquele que não encontra o

reparo, aquele cuja dor sobrepõe-se de tal modo que ele prefere morrer. Sim, e estes são muitos.

Em meio a tudo isso, a psicologia oferece alguma possibilidade, seus ajustes, suas tentativas. Também vai observando, absorvendo e crescendo.

Ela habita o terreno da possibilidade e o seu número é o talvez. Aprendeu de Homero, Wundt, Dostoiévski, Freud, Paulo Freire, Skinner, Mia Couto, Caetano Veloso, Machado de Assis, que nenhum humano é igual.

A psicologia segue aprendendo que é humana e alimenta-se da vida.

Ela não pretende dominar. Ela circunda.

# Dotô

Eu ainda não sei se você gosta mais de Freud ou de Lacan. Será que isso importa mesmo? Antes de procurar por alguém eu pesquisei a respeito. Preciso dizer que quase mudei de ideia. Achei essa conversa um pouco chata e sem propósito. Talvez essa seja uma discussão válida entre vocês da área. Mas mantive o meu propósito. Afinal, parece que eu realmente preciso de ajuda. Tenho ouvido muito isso em casa, eu começo a concordar.

Conversei com um amigo que passou pela mesma situação. Aliás, o que aconteceu com ele parece uma reprodução perfeita da minha vida. Então, vir aqui é meio que ideia dele. Ele disse que foi a melhor coisa da vida. Também repetiu várias vezes: "tudo o que você precisa fazer é falar. É um negócio mágico, cara! As suas palavras saem da sua própria boca e entram nos seus próprios ouvidos. É muito curioso ver que os pensamentos na própria fala ficam diferentes". Fiquei curioso. Então eu tô aqui com você. Tanta coisa pra perguntar.

Sou um homem inquieto, "dotô". Hehehe, desculpas pelo tom de brincadeirinha quando digo "dotô". É que eu lembrei daquela música do João Bosco, sabe...?

Pois é. Sou um homem letrado. Sim, sou letrado, mas não me acho mais tão inteligente. Tantos fios soltos na trama da minha vida e parece que eu não soube amarrá-los.

Eu queria saber se eu sou feliz, “dotô”. Eu nunca soube responder sobre felicidade. Na verdade, nunca pensei muito sobre isso. Mas, quando pensei, usei a matemática. Ao contabilizar dados da minha existência, os resultados mostraram “felicidade” piscando em letras vermelhas, garrafais e iluminadas.

Eu até li um livro daquele cara sensacional, o Eduardo Giannetti. O livro se chama “Felicidade”. Mas não é de autoajuda, não. Não gosto dessas coisas. É muito interessante. O livro revela que as matemáticas parecem limitadas ao tratar disso. Tudo parece ser “assunto inconclusivo”. Quem pesquisa isso parece que se limita ao tema tratando do que é essencial para a existência, mas praticamente dentro do terreno material. Mas, claramente, é incapaz de ir além.

Veja você, “dotô”, que ao indagar moradores de rua, pobres e toda a sorte de desafortunados, a resposta é sempre a favor de continuar vivendo e de serem felizes do jeito possível. Que negócio inquietante isso, você não acha?

Talvez a felicidade não seja tão importante assim. Às vezes, me parece que é uma conversa superestimada. Sei lá...

Além do mais, é tudo tão romantizado, idealizado, cheio de estereótipos e clichês.

Sabe, “dotô”, eu tenho gosto por coisas. Gosto de música, literatura, pensamento. Viajo bastante e tenho amigos. Às vezes também me arrisco na pintura. É bonito olhar pras cores. Também gosto de olhar passarinhos. Não

presos, mas no mundinho de passarinho deles. Essas coisas parecem ser uma base para o meu desejo de continuar a vida. Minha vida não é só a arquitetura. Não. Nunca foi assim, nem mesmo no início.

E tem a minha família, que é legal. Temos lá nossas encrencas, às vezes. Mas a gente se respeita, se gosta e se ajuda.

Amigos e família. Pois é. Eu tenho isso e tenho mais. Mas eu me sinto cada vez mais triste, sem vontade, às vezes sem alma, se é que isso existe.

Tudo em torno de mim é cansativo e eu não sei mais por que tô aqui.

Por que eu tô aqui, "dotô"? Acho que não sou o primeiro a perguntar isso, né? Hehehe...

Mesmo que isso seja uma fantasia, eu queria tanto ter alguma ilusão agora. Talvez, se eu acreditasse em coisas espirituais, religiosas... Mas eu não consigo lidar com essas coisas.

Sim, é isso: tô cansado, nem sei de quê. Saco cheio. Pra ser sincero, tenho vontade de morrer. Mas não tenho vontade de me matar. Engraçado isso, né?

Me diz alguma coisa, "dotô". Você é tão quietinho.

Aos poucos, vou inventando uma solidão só minha. Vou puxando pra dentro dela os meus livros, as minhas fantasias, as minhas músicas. Esse lugar vai ficando agradável, e uma penumbra deliciosa sobrevém.

A roda da dor se realimenta. Então, é mais dor, mais solidão.

Não parece haver uma conclusão bonita pra isso. “A única conclusão é morrer”, foi o que disse Fernando Pessoa, né?

Você já leu o Lobo da Estepe, “dotô”?

Pois é. Aprendi com o Hermann Hesse que “... é mais nobre e belo deixar-se abater pela vida do que por sua própria mão”. Leia. Você vai gostar.

Lembra daquele grupo dos desafortunados de quem falei no início da nossa conversa? Pois é. Acho que o meu negócio é esse. Apesar de tudo, seguirei vivo e querendo estar assim.

Vou ficar vivo, sim. Mas, também, vou ficar cada vez mais chato, mais dolorido. Ou, ainda, tão solitário que ninguém tomará conhecimento disso.

Que engraçado! Parece que eu tô conversando comigo mesmo. E eu tô gostando do papo, hehehe.

Oh, “dotô”, diz alguma coisa. Você é muito quietinho.

# E Agora, Dotô?

Eu não sou rápido.

Eu não sou competitivo.

Eu não gosto de desafios.

Eu me contento com pouco.

Eu sou disponível, sempre tenho tempo.

Eu não gosto de empregar o pronome pessoal na primeira pessoa tantas vezes. Tampouco me agradam os pronomes possessivos.

Nada dessa lista me deixa confortável na relação de coisas a fazer para continuar vivo.

Definitivamente, eu não estou na lista VIP do Darwin.

Haja tempo no divã!

# Esquizofrênico é Tu

## I

"Oito da manhã não é hora de briga!"

"Santa mãe de deus. Essa gente não para de brigar um minuto sequer."

"Dá um tempo, pô!"

Assim começava o dia. Já bem cedo da manhã e as pessoas eram importunadas. Aquele incômodo, aquela violência verbal diária em alto volume. Além de tudo, sem compostura, vulgar, muito feia. Parecia até que o vocabulário daquela casa tinha cheiro. Os vizinhos estavam muito incomodados. Afinal, até a chegada dos novos moradores, uma situação como aquela não era conhecida.

Por aquelas bandas, as pessoas se conheciam, eram cordiais e solícitas. Um bairro pequeno, quase rural, de calçadas largas, tanto ou mais do que o tamanho da própria rua. Ninguém sabia o porquê disso em um lugar sem tráfego. Esse era o cenário.

Havia uma praça por ali que foi uma estação de trem. Em outro ponto do bairro, tinha até uma antiga

locomotiva fazendo o contorno histórico do bairro. Pessoas passavam, conversavam, ficavam, saíam e voltavam. Afinal, aquela atmosfera era convidativa às interações sociais.

Naturalmente, tinha o pessoal da fofoca que, além do nobre exercício das verbalizações sobre a vida alheia, também se encarregava de fabricar notícias de toda a ordem.

Alguns vizinhos diziam não associar o que ouviam sair daquela casa com o que viam nela. Era singela. Muito bonitinha e pintada com bom gosto. Quem fez a pintura parecia gostar de cores opostas e trabalhar muito bem a intensidade dos contrastes. A janela vermelha com as paredes verdes oferecia um bonito diálogo para os olhares. Mais algumas folhagens no canteiro junto ao rodapé da frente fechavam a discreta moldura. Muito ajeitadinha.

Havia quem dissesse que só era assim porque fora recentemente reformada para vender. Era bem antiga. Voltar a ficar abandonada e feia era só questão de tempo. Depois que os novos moradores chegaram, as plantinhas e a parreira do corredor lateral já começavam a secar, talvez por falta de água, cuidados ou até, quem sabe, por desgosto.

De repente, outra vez: "cala a boca, veia! E baixa essa televisão, porra!". E seguia-se mais uma discussão, mais palavras agressivas, mais vergonha de estar perto da casa ajeitadinha.

Conta-se que, já depois de alguns meses, uma vizinha com intenções samaritanas teria batido na porta dos moradores barulhentos para oferecer ajuda, pois a discussão mais recente foi mais acalorada do que de costume. Após bater na porta, teria ouvido um choro profundo e alguém murmurando coisas que pareciam um tipo de reza ou penitência. A vizinha não foi atendida, mesmo depois de muita insistência. Ela teria ouvido coisas ainda mais terríveis e fugido do local guardando o que ouvira. A samaritana jamais revelaria qualquer coisa.

Embora essa história tenha sido divulgada pela "agência de notícias" local, ninguém duvidaria do acontecido. A condição miserável daquele lar era sabida para muito além do status de fofoca.

E assim, qualquer tentativa de aproximação por parte de curiosos, samaritanos ou missionários, era revestida de um certo folclore e ia ganhando ares de um conto de Edgar Allan Poe.

Em algum momento dos fins de semana, um carro grande e bonito aparecia. Adentrava a garagem, mas ninguém conseguia ver direito quantas pessoas chegavam. Certamente, duas. Mas poderia haver mais.

Não ficavam mais de uma hora. Tão discretamente chegavam, saíam em seu automóvel, com os vidros escuros fechados e de motor silencioso, sem revelar a finalidade da visita.

# II

Em uma região pacata, nada é mais estranho do que algo acontecendo. O cenário daquele lugarzinho era bonito e sensível. A primeira contemplação oferecia aos olhos e ouvidos a ideia de harmonia. Árvores em abundância, nenhum prédio em perspectiva. Uma certa distância entre os imóveis construía uma noção de interação pacífica entre natureza e civilização. Não seria difícil imaginar algumas vacas pastando por perto, embora realmente não houvesse. Era bem silenciosa para os padrões urbanos.

Acredita-se que o pequeno bairro tenha preservado essas características por uma rara consciência coletiva dos seus moradores. As novidades, portanto, eram facilmente percebidas, e os novos moradores trouxeram bem mais do que isso.

O homem gritão aparecia, eventualmente. Varria o quintal e tirava o lixo. Não era feio. Bem constituído, forte e de ombros largos, parecia cantarolar enquanto removia as folhas amareladas ou secas da parreira, cada vez mais desfigurada. Entretanto, mesmo quando ele era visto tão exposto pelos que passavam à distância, ninguém avançaria no ímpeto de desvendar aquela gente. Nem mesmo um "bom dia" seria prudente. O medo era maior do que a curiosidade. Ouvir uma frase aos gritos e carregada de

palavrões era a coisa mais provável. Correr os riscos de um insulto era desnecessário.

Quem o visse e escutasse mais de perto perceberia que seus lábios não cantarolavam.

O carro bonito apareceu. Dessa vez, no meio da semana, pouco depois da hora do almoço. Não entrou na garagem. Parou em frente à casa. Uma mulher bem-vestida desceu. Bateu à porta e o homem gritão abriu. Ele não usava roupas ruins ou feias, mas demonstrava desinteresse no seu vestir. Eram cores empilhadas no seu corpo, sem qualquer critério estético.

Surgiu uma mulher muito magra e velha logo atrás dele. Não tinha aparência saudável. Revelou-se, assim, a segunda moradora da casa ajeitadinha. Como se estivessem sendo conduzidos a um lugar desagradável, seguiram, o gritão, a mulher velha e a mulher bem-vestida, na direção do carro. Um homem alto desceu e abriu a porta para que todos entrassem. Não demonstravam felicidade em se encontrar. Não conversavam. Pareciam empurrados por uma mistura de pressa e vergonha.

Perto das dezessete horas, as quatro pessoas estavam de volta. Desceram e começaram a tirar muitas sacolas de supermercado do porta-malas do carro. A mulher velha carregava dois pacotinhos com um símbolo de farmácia. O quarteto movimentava-se operacionalmente, como se cumprissem uma tarefa que deveria terminar logo. Não havia conversa, brincadeiras ou qualquer outro tipo de interação.

Depois de saudações apáticas, o carro bonito saiu com o casal, deixando as compras, o homem gritão e a mulher velha. Aparentemente, uma despensa fora abastecida.

Menos de dez minutos e o carro bonito reaparece. A mulher bem-vestida desce com mais sacolas da farmácia, bate na porta e entrega à mulher velha, dizendo: "Desculpas, tia. Estavam no banco de trás. Eu não vi. Se cuida. Tchau." E voltou correndo para o carro.

# III

A doença que divide a mente. Perda do contato com a realidade, distorções marcantes na percepção do real, comprometimento do "teste de realidade". Segundo a literatura médica, Paulão tinha a "dificuldade de avaliar o mundo objetivo". Era a definição que passou a acompanhá-lo desde os vinte e quatro anos, quando teve o seu primeiro episódio psicótico. Mesmo antes disso, os rótulos ao seu comportamento eram comuns. O "Estranhão da Silva", como era chamado no período de adolescência, na escola, estava sempre sozinho.

Paulão era esquizofrênico. Essa era uma ocorrência frequente no histórico familiar: dois primos, um tio, além do próprio pai, que, apesar de ter falecido muito jovem, apresentava sinais de comprometimentos psiquiátricos. Embora tenha morrido afogado em um passeio familiar, a possibilidade de suicídio jamais foi descartada. Várias anotações rabiscadas deixavam a impressão de alguém tentando redigir qualquer coisa parecida com uma carta de despedida. Seu gosto por escrever poesias e letras de música provavelmente serviu de fachada para o militar deprimido.

Dona Cirma sempre teve a saúde frágil e foi muito quietinha. Isso ampliava a sua aparência debilitada. Apesar de tudo, manteve-se firme no propósito de cuidar do filho

problemático, o seu único. E o fez. Nunca arredou pé desse compromisso e comprou brigas familiares, recusando-se a interná-lo ou mesmo a tratá-lo como louco. Diabética, hipertensa, além de ter um histórico de complicações renais, parecia acreditar no restabelecimento do filho, mesmo sabendo que não haveria cura para ele.

O dinheiro deixado por Célia ao morrer garantiu alguma provisão. A irmã, embora se mantivesse distante, ajudava com medicação e outras assistências. Mas sempre deixou claro que "a internação do menino seria melhor para ele e para todos". "Ninguém interna esquizofrênico, Célia, muito menos o meu filho. Tem remédio bom pra isso. Você tem é vergonha do seu sobrinho", dizia Cirma com sua voz mirradinha.

# IV

"Esquizofrênico é tu, filho da puta!", gritava Paulão totalmente nu pelo quintal da casa, perto das sete da manhã. A garoa e o frio não inibiam a raiva e o choro do homem gritão. "Cala a boca, veia! Baixa essa televisão!". As mãos seguravam a cabeça. Paulão chorava, andava em círculos e repetia os insultos e xingamentos a esmo. "Esquizofrênico é tu! É tu! Me deixa em paz, filho duma puta!" Seu choro virava um pedido de socorro. Dava dó. Dava medo.

Os vizinhos começaram a se aproximar, num misto de curiosidade, medo e indignação. Mesmo acostumados aos berros, uma cena tão forte como essa jamais foi vista. E Paulão caiu de joelhos pelado, gritando e chorando. Socava a própria cabeça com raiva. Paulão gritava cada vez mais. Paulão sofria. Paulão caiu desmaiado.

Alguém julgou apropriado chamar a polícia. Sim, a polícia... E foi a polícia que, ao chegar, chamou uma ambulância. O policial encontrou dona Cirma no chão. Já não respirava. Os socorristas atendiam Paulão quando o policial deixou o interior da casa correndo, pedindo ajuda.

# V

Agora era só ele. Teria como companheiras as vozes que habitavam a sua cabeça. As mesmas vozes que diariamente o insultavam, que diziam o que fazer e falavam mal dele. Aquela televisão em alto volume seria uma distração infernal.

Paulão, o homem gritão, que sempre ouviu as vozes que zombavam dele e o chamavam de "esquizofrênico", seguiria na vida sem ninguém para ouvi-lo.

Sem ninguém. Assim ele passou a ser. Sem alguém para ajudar nos remédios, sem os cuidados de um bom psiquiatra e psicólogo de que um esquizofrênico necessita, sem a possibilidade de cuidar de uma doença que não tem cura, mas pode ser controlada. Sem, sem, sem...

Paulão, agora, era um ser que não dispunha do interesse de outros. Talvez estivesse na ala psiquiátrica de um hospital, talvez em uma clínica, talvez em situação de rua, talvez morto. O "Estranhão da Silva", o homem gritão, desapareceu. Ele transformou-se em um grande "talvez", até que foi esquecido.

Integrantes da "agência de notícias" local afirmam tê-lo visto andando em algum lugar pela cidade. Não gritava, tinha o olhar distante, estava sujo. Mesmo que a fonte de notícias não seja idônea, sabe-se muito bem que essa seria

uma possibilidade. A enorme quantidade de esquizofrênicos abandonados, nesse caso, oferece credibilidade ao relato fofoqueiro.

Para a sociedade autodenominada civilizada, uma pessoa com esquizofrenia deixa de ser uma pessoa e passa a ser um esquizofrênico. Portanto, fica mais fácil abandoná-la se for usado outro nome para substituir a palavra "humano".

Sábado à tarde, o carro bonito apareceu e estacionou em frente à casa ajeitadinha, agora vazia. A mulher bem-vestida e o homem alto desceram. Dessa vez, não traziam mantimentos ou remédios, tampouco teriam que levar ninguém a nenhuma consulta médica.

Caminhavam ao redor, olhavam de cima a baixo, de um lado pro outro, faziam desenhos no ar, movimentando as mãos como se estivessem imitando Oscar Niemeyer desenhando no ar as suas ideias. Até sorriam.

Agora, o assunto era a reforma da casa ajeitadinha.

# Tristeza na Travessa dos Venezianos

## I

Eles se conheceram. Conversaram, se gostaram e resolveram viver juntos.

— Mas onde a gente moraria?

Ela riu. Parecia esperar por essa pergunta há tempos.

Na verdade, ela gargalhou e disparou a resposta engatilhada:

— Na TRAVESSA DOS VENEZIANOS! Onde mais o amor poderia ser mais amor?

— Como assim, guria? Tá maluquinha, né?

— Tô, tô, tô ma-lu-quér-ri-ma! Eu sou in-teeen-saaaaaaa !!!

A baixinha não cabia em si. Fazia gestos de aplausos, erguia os braços, descabelava seus cabelinhos castanhos curtinhos e exibia os seus dentes alinhadinhos pós-tratamento ortodôntico. Ela ficava ainda mais bonita vestindo aquela felicidade.

— Vai, fala. Que conversa é essa?

— Minha tia viuvou há pouco mais de seis meses. Meu tio e ela eram muito companheiros. Mas, pra resumir, ela vai pra Portugal, a convite da filha que mora lá, e perguntou se eu queria morar na casa dela — de graça e talvez pra sempre, pois ela quer sair de lá desde que o tio morreu.

— Tá brincando... A gente vai morar num patrimônio tombado pela cidade, guria?

— SIM!

Então, a fisioterapeuta e o músico se abraçaram em uma festa que contagiou o boteco.

Mesmo sem entender nada, o dono da espelunca, emocionado pela alegria espontânea que só se vê nas crianças, presenteou o casal rasgando a comanda, imaginando que fosse um pedido de casamento. Ali mesmo, entre ovos na conserva, cheiro de cigarro e eventuais baratas visitantes, aquele homem acostumado a enxotar bêbados antes de fechar deixou-se contaminar pela cena cinematográfica, não fosse por ser a pura e linda verdade.

E prontinho. Poucas semanas depois da grande festa no boteco, o casal mais feliz do mundo já estava instalado na sua casinha tão graciosa e feliz.

Os móveis, claro, seriam os da tia até sabe-se lá quando. E daí? Moravam na Travessa dos Venezianos, e de graça. Além do mais, *se amavam com a sede dos marujos...*, gostavam de cantar juntos, sempre se olhando.

Onze de maio, sábado. Trinta e dois anos de vida. Um ventinho de outono entra pela frestinha da janela, balançando a cortina do quarto. Com o ventinho, vinha um som, no princípio parecendo um cochicho misturado a outros sonidos familiares. Pareciam os momentos finais de um sonho, quando prestes a acordar. Ouviu, então, uma voz. Era cantada, bonita e conhecida. Aos poucos, ia se definindo. Vinha da direção da porta da sala. Som de violão. Ela começa a entender a letra.

*Tu és divina e graciosa*

*Estátua majestosa*

*Do amor, por deus esculturada*

*E formada com ardor da alma da mais linda flor...*

A pequena balzaquiana de pele tão branca, mesmo com os cabelos desarrumados e incrédula, abre a porta dupla gigantesca e vê, entre a calçada da pequena Travessa dos Venezianos e o meio da rua, o seu amado tocando o baixo acústico, enquanto o outro amigo cantava acompanhado por cajon e violão. Ao final da canção, flores para a amada, é claro.

A vizinhança testemunhava sorrindo, às 8h30 da manhã, o beijo, o choro e o riso da aniversariante mais feliz do mundo, pendurada no pescoço do seu amor.

# II

Dizia o bilhete:

*Terás uma criança para cuidar. Espero que faças por ela mais do que fizeste por mim. Sobre a mãe da criança, não me diz respeito. Apenas lembro que grávidas requerem cuidado.*

*Não quiseste ter um filho planejado comigo, mas terás um acidental com outra.*

*Não continuarei a morar aqui. Não sei como será a minha outra morada. Estou com medo, mas curiosa.*

*Olha para essa rua. É possível admitir um morador infeliz em qualquer uma dessas dezessete casas feitas para ser feliz? Pois eu não fui. Tu não deixaste.*

*Sobre as tuas coisas, deixei ao lado delas o disco do Pixinguinha, que tanto amas, cortado ao meio. Sim, só a metade. A outra eu joguei fora.*

*Lembra-te de como é lindo meu nome, mas que não será mais pronunciado por ti. Não te permito. Um nome tão bonito não deve habitar a boca mentirosa de um homem que trai a quem diz amar.*

*Ao lado do meio vinil, além de mim mesma pendurada morta em uma corda, deixo as plantinhas que venho cuidando há quatro anos, desde a linda surpresa no meu aniversário quando, de tão feliz e atrapalhada, quebrei o*

*vaso. Agora são estes cacos e aquelas plantas (e só elas) que cuidam de mim e do meu corpo. Te esqueceste? Eu sou intensa!*

*Para finalizar, deixo avisado que esse bilhete tem uma cópia, de maneira que saberão o que tu fizeste comigo. A tua culpa será o meu legado. Afinal, quem consegue fazer alguém infeliz na Travessa dos Venezianos é inapto para a vida.*

---

*A Travessa dos Venezianos é uma ruela histórica e ponto turístico da cidade de Porto Alegre, RS, localizada no bairro Cidade Baixa. É formada por um conjunto de 17 casas de porta e janela do início do século XX. O local foi tombado como patrimônio histórico e cultural municipal em 1980.*

# Entrevista com Andorinha

## I

— Pedro! Pedro! Precisava ser um nome tão cristão? Além de tudo, um cristão sacana. Negava os amigos. Só não ficou pior na história porque Jesus deu uma "colher-de-chá" pra ele, dizendo que seria a tal pedra fundamental da igreja.

— Relaxa, Pepê! O que é isso agora? É teu nome! A gente é que faz o nome ser legal.

— Nossa, que clichê, hein! Você começou a ler autoajuda?

— É sério! Se eu tiver uma filha, vou batizá-la de Geraldine, sabia?

— Então você não vai continuar comigo?

— Deixa eu te contar, bobo: lembra de quando eu dava aula naquela escola perto da casa dos seus pais? Pois é. Um dia a secretária me avisou que na próxima quinta-feira eu teria uma nova aluna. O nome dela era Geraldine.

— A Geraldine Chaplin foi sua aluna, é isso?

— Fica quieto e ouve. Eu amo essa história!

— Sim, senhora. Continua.

— Quando chegou a quinta, na hora marcada, eu estava esperando a Dona Geraldine. Foi então que a porta da recepção se abriu e entrou uma mulher bonita, muito magra e com cabelo preso como o de bailarina. Junto com ela, uma menina linda, linda, linda, liiiiiinda! Me olhou sorrindo e disse: "Oi, eu sou a Geraldine. Tenho oito anos. Minha mãe é ela." E apontou com doçura para a mulher bonita que a acompanhava. A mulher me fitou com simpatia, acompanhada por um sorriso que afirmava saber que tinha uma filha encantadora. Eu derreti de paixão. Naquele dia, Geraldine passou a ser o nome mais lindo do mundo, e seria o da minha filha.

— Pode ser. Mas eu precisava conhecer a sua Geraldine. A minha ainda é a Chaplin.

— Tá bom, Mr. Mau-humor. Pepê-mau-humor, aliás. Desse nome você gostaria?

— Não. Mas pelo menos o meu chefe de redação não gritaria "Pedro!" e quatro caras olhariam.

— Isso não parece uma coisa difícil de resolver. Não para alguém normal. Acho que o seu problema é outro.

— É verdade. Claro que é outro. Eu só tô brincando de falar e reclamar. Isso me relaxa. Me sinto até meio engraçado.

— Você tem um jeito estranho de ser engraçado. Mas é.

— Sabe, Re, eu não gosto de ser comum.

— Ninguém gosta, Pepê.

— Não é verdade. As pessoas gostam de pensar e dizer que são diferentes. Mas, na verdade, se esborracham buscando

o mediano, o trivial, o comum. Empenham esforços impressionantes para replicar uma ideia estabelecida de existência.

— Ah, certo. Você não.

— O meu esforço é para sair disso. Vim até aqui empurrado. E quanto mais tento me adaptar mais desconfortável eu fico.

— Mas é isso que todos buscam.

— NÃO É VERDADE, Re! Essa busca por ser diferente, exclusivo, especial... "Você é um ser único" é um discurso que denuncia duas coisas. Primeiro, como somos retóricos. Falamos em excesso e sem escutar o que dizemos. Não há comprometimento com nada do que se fala. Segundo, como falta observação e autocrítica. Mas, no fundo, o grande desejo de todos é atender às expectativas sociais e culturais, a despeito da originalidade. No fundo, o grande esforço é para se adaptar e ser aceito.

— Mas não é esse o conceito de Darwin que, aliás, você vive citando?

— Sim, esse é o conceito. Mas o problema é que a adaptação se dá em um nível muito medíocre. É necessário diminuir-se para poder se agrupar. É necessário parecer não saber para conviver.

— Isso é muito forte, Pepê. Eu não duvido que isso seja verdade. Sei lá. Acho que você pode ter razão. Mas não é tanto assim.

— Não seria difícil verificar exemplos em qualquer lugar para onde olharmos...

— Já sei aonde quer chegar...

— Desculpas, Re. Não quero ser indelicado. Mas eu não posso deixar de pensar em tudo que você disse querer fazer desde o nosso primeiro papo. Tocar, ensinar, fazer pesquisas em música... E aquela história de "todos tocando, um pouquinho que seja, faz muito bem pro mundo."

— Eu não abandonei nenhuma dessas ideias.

— Mas deixou de trabalhar por elas.

— Eu pus os pés no chão.

— Não! Você tirou as mãos do seu piano. E por quê? Tudo por uma tal de estabilidade financeira que te demoveu de desejos mais nobres, artísticos e altruístas. Você vivia dignamente como professora e pianista.

— "Demoveu!?"

— Sim!

— É que eu cansei, Pepê!

— É exatamente sobre isso que estou falando, Re! Você virou advogada para nem advogar! E o que é feito de todo esse conhecimento? Fez uma faculdade que não gostava para ter um bom salário em um Tribunal Regional desses aí.

— Essa conversa tá ficando grosseira demais para o meu gosto e para uma semana de descanso na minha amada Garopaba. Vamos rever a pauta das férias amanhã. Sugiro que a lista comece com um pedido de desculpas. Boa noite.

— Pera aí, Re!

— Boa noite.

# II

A andorinha é uma espécie de ave muito adaptável. Por isso mesmo, pode viver em cidades, embora seja verdade que prefere áreas agrícolas ou próximas a rios. Viaja em grupo para se proteger dos predadores. Começa a voar após três semanas da eclosão do ovo. A vida das andorinhas é definida pela coletividade e proximidade.

Uma equipe de reportagem encontrou algo inesperado: uma andorinha sozinha em Garopaba, praia ao sul de Santa Catarina. Reclinada em sua cadeira de praia, ela ficou visivelmente desconfortável por ser descoberta. Por duas vezes mudou de lugar, como se buscasse a invisibilidade.

Inútil. O jornalista Otávio andava há muito tempo procurando uma matéria que alçasse a sua carreira. Essa lhe parecia uma grande oportunidade e ele não estava disposto a desperdiçá-la. Foi em direção à solitária e discreta ave, ao mesmo tempo em que ela já percebia não poder mais fugir do assédio.

Apesar do desconforto, foi solícita e conversou com o curioso jornalista.

*Jornalista:* Então, eis o meu grande furo de reportagem: "uma andorinha só fazendo verão", contrariando a fala popular. É a primeira vez que isso acontece?

*Andorinha:* Comigo, sim.

*Jornalista:* Mas como é isso? A senhora pode fazer isso?

*Andorinha:* Primeiramente, eu gostaria de lembrar que sou um espécime do sexo masculino. Em segundo lugar, sim, eu posso, tanto que estou fazendo. Meus congêneres também poderiam fazer. Entretanto, preferem não se afastar da segurança da revoada.

*Jornalista:* E por que o senhor está só?

*Andorinha:* Me trate por você. Sou bem mais novo, apesar de ranzinza. Estou cansado de passar verões em bando só porque eu posso ser surpreendido por um gavião, morcego ou coruja. Resolvi correr riscos e arcar com essa decisão.

*Jornalista:* Uma andorinha existencialista, é isso?

*Andorinha:* Como você quiser chamar.

*Jornalista:* Mas o que lhe causa tanto incômodo na situação coletiva a ponto de se expor aos riscos de perder a vida?

*Andorinha:* A coletividade é necessária. Mas na intensidade praticada pelas andorinhas, me incomoda. Isso começou quando ouvi o tal jargão popular "uma andorinha só não faz verão". Pois aqui estou. Vocês se enganaram.

*Jornalista:* Eu imagino que tenha deixado parentes, esposa, filhos...

*Andorinha:* Não é da sua conta. Conversa de pinguim essa sua.

*Jornalista:* E quando o verão terminar, voltará à revoada?

*Andorinha:* Não sei. Ficarei assim pelo tempo que eu precisar. É possível que eu volte, sim. Mas antes disso, quero ver mais da vida por mim mesmo. Quem sabe eu descubro que um gavião, ao invés de meu predador, se revele meu melhor amigo.

*Jornalista:* Mas é bem possível que ele queira devorar você.

*Andorinha:* Sim, é verdade. Mas vou correr esse risco. Se ficarmos amigos e, mesmo assim, ele quiser me devorar, tenho que encarar isso de três formas: a primeira é que ele agiu pela sua natureza; portanto, não será nenhuma tragédia. Afinal, pelo mesmo critério, eu devo ser devorado, certo? A segunda forma de pensar é que, se ficarmos amigos e ele me devorar, amigos matam a fome de amigos. Então, ainda continua tudo certo.

*Jornalista:* Mas você só citou duas das três formas de pensar.

*Andorinha:* Sim.

*Jornalista:* ...?

*Andorinha:* Eu esperava que a terceira fosse a mais óbvia de perceber.

*Jornalista:* Acho que não é..., responde ele esboçando um riso irônico

*Andorinha:* Sr.... hummm... perdão, como é mesmo o seu nome?

*Jornalista:* Otávio.

*Andorinha:* Sr. Otávio, você percebeu que, há alguns minutos, está conversando com uma andorinha? Qual a real probabilidade de isso acontecer? Na verdade, não há a menor chance de isso ser verdade. Entretanto, eu e você estamos aqui admitindo e vivendo essa experiência improvável. Baseado nesse acontecido, eu posso admitir que a regra de ser amigo de um gavião, embora improvável, é possível. Não quero voar por aí em bando só para não ser devorado.

*Jornalista:* Isso não é apenas uma fábula?

*Andorinha:* Sim, se você for medíocre.

*Jornalista:* Você parece ressentido com os seus parceiros andorinhas.

*Andorinha:* Não sei que palavra usar para isso. Pode ser ressentimento. Que seja. O que me interessa é que desejo e posso fazer. Milhares e milhares de seres não deveriam reproduzir o mesmo comportamento, tão massificado que até parecem um só ser. Há uma vida possível fora do bando. Talvez eu esteja criando uma nova espécie de andorinha, as que fazem verão sozinhas e falam português. Ou, talvez, eu apenas venha a ser mais uma andorinha a ser devorada. É o risco de crescer, Sr. Otávio.

*Jornalista:* Minha espécie não voa em bando, tampouco parece interessada em se expor à possibilidade de ser devorada apenas a título de experimento. Aliás, quando você começou a falar português?

*Andorinha:* Há muito tempo que ouço esse lindo idioma por onde voo. Para mim, é natural. Mas, até agora, não dissemos nenhuma palavra em português.

*Jornalista:* Como assim?

*Andorinha:* Até agora, você só falou "andorinhês", Sr. Otávio. Não percebeu?

*Jornalista:* ...!!!

*Andorinha:* ele apenas sorri com o seu sorriso de andorinha

*Jornalista:* É mesmo! Quer dizer... é mesmo...?

*Andorinha:* Sim. E saiu-se bem. Conduziu uma entrevista inteira. Achei que estivesse consciente disso. Afinal, foi você quem me abordou, lembra?

*Jornalista:* Estou perplexo. Talvez eu... humm... vou esperar acordar e depois voltar à vida. Não sei o que dizer.

*Andorinha:* Eu sei. Ter saído do meu bando vai me trazer uma experiência ainda mais estranha e arriscada. Você também saiu do seu quando me procurou. Aliás, essa frase que eu disse agora foi em português.

# III

— Bom dia, moça bonita.

— ...

— A moça bonita tá zangada?

— ...

— Posso te mostrar uma coisinha que escrevi ontem/hoje pela madrugada?

— Sim.

— Tá. Então... é um textinho de nada. Chamei de "Desimportante".

*Desimportante*

*Eu sou a madrugada, um desses livros grossos lidos na forma de amigo*

*Banho quente tomado para distração, sequência de acordes sem melodia e razão*

*Sou a frase de efeito que não será dita, o idioma bem falado entre os incautos*

*Cor mostrada ao cego, timbre dado ao surdo, Trava-língua pra um gago*

*calor com sobretudo*

*A piada explicada, a entrelinha revelada, namorada entediada, a festa abandonada*

*A porta da noite é a melhor passagem para outra madrugada em que pensarei ter paz*

*Sou tudo o que não interessa, tudo o que deve ser simulado*

*Sou Pessoa, Virgínia e Machado, minha orgia e meu sono acordado*

— É bonito. Mas não serve como pedido de desculpas. A menos que tenha alguma coisa mais escrita.

— Sim. Desculpas.

— E...?

— Como assim?

— Uma boa retratação requer um pouco mais de palavras, meu caro.

— Desculpas. Eu fui super babaca.

— Hummm. Agora eu tô gostando. Especialmente da última parte.

— Ah, Re... não sacaneia, vai. Desculpas por eu não respeitar as decisões da sua vida, seus projetos e o jeito que você quer viver.

— Pedrinho, olha só: as coisas na minha vida estão legais. É a sua que não tá bacana.

— ...

— Tá sempre dizendo que não gosta das coisas, não gosta do seu nome, não gosta do seu trabalho, não gosta disso e daquilo... e vive num estado constante de desconforto.

— Mas esse sou eu, Re.

— Mas ser você do jeito que você está tá te atrapalhando. E, pra ser muito sincera, começa a me atrapalhar também.

— ...

— Se todo esse desconforto que você sente for usado pra você crescer, legal. Ele será proveitoso. Mas, se ele não te alçar pra uma melhor, possibilidades novas, crescimentos, aí você tá mal, cara.

— Te entendo.

— Ser advogada não é a minha cara. Você sabe. Meu lance é com a música. Mas eu não tenho a força necessária para que a arte seja a minha profissão. Então, eu vou, sim, para um "Tribunal Regional desses aí..." e vou tocar meu pianinho com amigos e amigas quando der. Isso funciona bem pra mim. Tá resolvido.

— ...

— Na boa, Pedrinho, teu lance com a vida é legal. Você é um cara profundo, inteligente e um montão de coisas que você sabe. Mas...

— Mas...?

— Você é desarticulado, cara! Não adianta ser uma coisa. Tem que validar essa tal coisa até as últimas consequências. Se você é diferente, e eu realmente acho que é, você vai

ter que resolver isso. A sociedade prefere os moldes. Você não gosta deles, então tá, beleza, é seu direito. Mas crie uma solução. Faça alguma coisa por essa situação. Mas lembre-se de que reclamar não significa fazer alguma coisa.

— ... (suspiro)

— Teu texto é superlegal. Mas, se você se julga desimportante, tá na hora de mexer nessa ideia. Ou desiste de vez, porque vai começar a atrapalhar os outros.

— Eu tô muito triste com isso tudo.

— Pois já não adianta mais ficar triste.

— Caramba, Renata...

# IV

— Sr. *Hirundus Rusticus* que surpresa!

— ...!

— Tá lembrado de mim?

— Primeiramente, eu gostaria de começar dizendo que o nome científico das andorinhas é *Hirundo rustica*. Não é porque é um nome em latim que tem que terminar com "us" sempre. "Segundamente", eu não lhe conheço, portanto, "Sr. Andorinha" pra você.

— Mas é ele mesmo! E continua ranzinza, bem do jeito que eu conheci.

— ...?

— Sou eu, Otávio, o jornalista que o entrevistou aqui mesmo em Garopaba, há cinco ou seis anos.

— Sim, claro! Como vai, Sr. Otávio? Que surpresa encontrar você.

— Também estou surpreso por encontrá-lo. Pelo jeito, nenhum gavião ou coruja pelo caminho.

— Vantagens de não andar sempre em bando. Não ser notado também é bom.

— Sábio, como sempre!

— Mas me diga, o que anda fazendo por aqui? Estou curioso pelo desfecho das suas reflexões daquela época. Inclusive, porque a expectativa de vida das andorinhas é de no máximo seis anos, estou certo?

— E o senhor, seu Otávio, continua muito simpático.

— ...

— Venha, vamos nos sentar e conversar. Mas você paga. E nada de alpiste, por favor.

— Como desejar, Sr. *Arcebus austerus*. É assim que se diz ranzinza em latim, né? Hehehe...

— Realmente, agora começo a reconhecê-lo.

— ...

— Se está curioso, pergunte, Sr. Otávio. Creio que também tenho vontade de falar. Afinal, posso morrer a qualquer momento, não é mesmo?

E a conversa se desenvolveu por muito tempo. Trocaram reflexões e interagiram sobre elas. Descobriram que, naquele primeiro encontro, a conversa foi muito impactante para ambos. Cada um, ao seu modo, mobilizou algo em sua vida.

O Sr. Andorinha não abandonou o bando. Entretanto, passa os verões sozinho. Perdeu a proteção do grupo, é verdade. Mas se entende bem consigo mesmo e seus riscos. Também é bem verdade que está sempre de olho no céu. As aves rapineiras não estão interessadas nas questões existenciais de suas presas. Nunca estão. Ninguém está. O jeito é apreciar o conforto da penumbra da solidão e correr

os seus riscos, visitando a luz plena de vez em quando.

Otávio seguiu o seu fluxo profissional. A tal matéria da sua vida realmente repercutiu. Passou de um "foca" tardio ao jornalismo relevante. Lembrou-se de que entrou para a faculdade de comunicação por causa do seu amor pelas matérias da National Geographic, fotografia, Richard Avedon e Sebastião Salgado. Pensou que podia protelar a busca por um sentido de vida mais conectado com as motivações originais. Afinal, ganhou prêmios, respeito profissional e algum dinheiro.

Cada um ao seu modo, passou a perceber os seus predadores.

# V

— Pedrinho, você acredita em final feliz? Pergunta retórica, tá?

— Não, eu não acredito. Resposta retórica, tá?

— Eu sei, bobão.

— Essa pergunta tem cara de início de conversa que vai longe. Diga.

— Eu passei a acreditar, sabe... A Geraldine reciclou tudo na minha cabeça. Cada vez que ela vai pra escola, cada resfriadinho, cada palavrinha errada, cada desenho feio que ela faz... tudo isso me faz pensar que minha vida sempre desejou e se encaminhou muito bem pra isso. E, mesmo sem terminar nada, eu me sinto em um final feliz.

— É, dona Re. É. Há seis anos que eu choro do nada. Levanto à noite só pra espiar ela dormindo, e choro. Ela diz que eu sou bonito, eu choro. Ela briga comigo e diz que eu sou feio, choro de novo.

— Mas você é feio.

— Besta.

— Eu pensei que a essa altura da vida a gente estaria conversando sobre outras coisas. Sentido da vida e blá, blá, blá, cheia de respostas, segura de tudo. Papo de adulto, sabe.

— E eu, que jamais gostei do nome Geraldine, agora amo.

— Parece que o verdadeiro papo de adulto é tentar não controlar a vida ou as pessoas.

— Parece que sim.

— Pedir desculpas também.

— É, dona Renata. Pedir desculpas também.

— É engraçado, Pedrinho. Parece que a palavra "ajuste" é a mais legal que conheci até agora.

— Papo de costureira, Re.

— Besta.

# Eu Leio Freud, Penso em Riobaldo

Como pode a gente ficar tão tomado assim? Eu leio Freud, penso em Riobaldo. Minha professora falando em mecanismos de defesa, e eu viajando longe. Eu leio e releio esse livro e cada vez encontro uma novidade. Tá bom, preciso voltar pra aula.

E, então, vem a instrução da professora:

— Pessoal, então aqui está o nosso primeiro trabalho para o debate: busquem no cinema ou na literatura alguma história relacionável ao nosso conteúdo de hoje. Em vinte minutos, texto curto.

Até arrepiei. Mas é pra já.

Aqui o texto:

*O ex-jagunço Riobaldo, agora idoso e retirado das suas ocupações, vive no sertão de Minas Gerais. Encontra-se com um viajante que, embora não identificado no livro, chamarei de João G.*

*Trava-se uma conversa tão interessante entre os dois que, estando apenas de passagem, João G. decide prolongar a estadia. Riobaldo conta histórias. O jagunço mineiro matou, foi ferido, apaixonou-se por um homem e foi líder de bando. Para Riobaldo, contar as suas histórias a um interlocutor letrado, atencioso e desconhecido, seria a ferramenta perfeita para a elaboração do seu passado.*

*João G. ouve. Riobaldo fala. Revivendo a sua história, ele explica, questiona e tenta formular as razões para os rumos das suas experiências.*

*Enquanto narra, explica. Enquanto explica, se apazigua. Várias vezes repete que "viver é coisa perigosa". E assim, com João G. de testemunha, faz a sua expiação, enquanto deixa o seu ouvinte encantado. Ao final do relato, Riobaldo não se sente herói. Não se julga uma má pessoa. Percebe-se, em seu próprio escopo moral, alguém que fez o que deveria ser feito. Um homem redimido pelas histórias que contou a João G. e, talvez, agora com melhor juízo sobre si mesmo.*

Essa não é uma síntese apropriada do *Grande Sertão: Veredas*. Mas esse negócio de estudar mecanismos de defesa e racionalização a partir de Riobaldo até deixa tudo bem mais Mefistófeles.

# Diferente

Quando um profissional da psicologia recebe menores de idade, a conduta é, obrigatoriamente, conversar com os pais ou responsáveis no primeiro encontro. Às vezes, isso é feito em uma quantidade de encontros alternados entre o menor e o responsável. Há situações que se diferenciam conforme as necessidades avaliadas pelo profissional, ou mesmo pela sua formação. Isso é flexível. Mas o trabalho sempre requer uma atuação junto aos responsáveis. É assim até os dezoito anos.

Na condição de psicóloga novata, eu estava feliz, empolgada e cheia de ideais. Crianças despertavam em mim uma motivação extra. As especializações nos assuntos voltados à infância me motivavam. O curso *Clínica Infantil e Adolescência* seria a minha primeira especialização.

Recebi Vera O. no consultório. Mãe de Vinícius O., quatorze anos. Muito falante e simpática, ela estava contente pela oportunidade de ajudar o filho. Procurou-me por causa de um encaminhamento da escola. Por várias vezes, mencionou a palavra "ajudar", sublinhada com um certo tom de culpa.

Pedi para que ela descrevesse o Vinícius, que não estava presente neste dia. Ela apresentou uma lista de coisas que começava assim:

Diferente.

Quando criança, brincava sistematicamente de enfileirar e organizar os carrinhos. Depois ficava olhando.

Ele não possui amigos.

Não socializa. Nunca foi em um aniversário na vida.

Reclama constantemente de barulho. Evita lugares barulhentos.

Sempre pede para a mãe falar mais baixo, normalmente, fazendo um movimento com a mão para baixo.

Uma criança triste.

Na escola, Vinícius tem excelente desempenho, inclusive mencionado no encaminhamento escolar.

No documento de encaminhamento, a coordenadora relata a "baixa estima" (autoestima baixa) do garoto.

Vinícius lê livros regularmente e com muita dedicação. Possui mais de 3.000 títulos. Leu todos. A cada ano, pede livros como presente de aniversário. Já leu a obra completa de Mark Twain e Machado de Assis, que são os seus preferidos.

Acompanha, em detalhes, a vida de alguns jornalistas da televisão.

Se acha feio.

Às vezes se apaixona.

Acompanha noticiários com dedicação. Acompanha regularmente as notícias do mundo. Tem grande interesse nas questões internacionais, especialmente nos conflitos e guerras, principalmente Palestina x Israel.

Às vezes, ele faz uns movimentos repetitivos com as mãos, balançando pra cima e pra baixo, principalmente quando fica nervoso com o pai dele, que não tem paciência e xinga.

Então perguntei desde quando ela observava essas coisas na vida dele. Para a minha surpresa, a resposta foi: "desde sempre".

Nesse momento eu fiquei desorientada. Enquanto eu escutava os relatos de Vera, comecei a ensimesmar uma grande quantidade de informações em paralelo. Como seria possível "desde sempre"? Esse garoto é a descrição precisa do Transtorno do Espectro Autista (TEA) há catorze anos e ela não viu? Tanta informação, tanta campanha educativa, e essa mulher não viu isso? Dois aparelhos de celular na mão e nenhum deles levou à informação de que seu filho precisava de ajuda profissional? Só me procurou porque a escola encaminhou? Nunca fez nada pelo filho "diferente"?

Precisei me esforçar para manter a conduta profissional. Afinal, não é com julgamentos que se pratica a psicologia. E eu estava bem avisada a respeito. Um certo Winnicott soprou no meu ouvido: "recomponha-se, menina. Ouça a família e foco no garoto."

Segui ouvindo o relato de Vera. Enquanto eu buscava o foco, também percebia que as diferenças do padrão social vigente sempre serão um complicador para todos nós. Portanto, tratava-se de uma cadeia que envolvia não apenas as questões do autismo. Essa teia envolve os profissionais

de saúde, as famílias, as escolas, as políticas públicas e o cidadão chamado de "comum" (a quem costumamos definir como neurotípico).

De volta à questão central, o garoto Vinícius, sondei se Vera tinha alguma ideia do que se passava com o seu filho. Evitei qualquer comentário que induzisse as suas respostas, não mencionei a palavra autismo, tampouco fiz qualquer menção à sua conduta diante desse histórico. Não demorou para ver que ela não tinha a menor ideia.

O que deveria ser feito agora era o protocolo: eu deveria ver Vinícius. Mesmo diante dos relatos do responsável, existe uma conduta de verificação. Isso é importante, pois nunca sabemos qual é a perspectiva da pessoa que relata.

Recentemente, o autismo recebeu outro nome. Agora chamamos Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa mudança de nome é importante, pois revela que o autismo se manifesta em diferentes intensidades (o espectro).

O diagnóstico de autismo é feito com base em uma grande lista de critérios comportamentais. A sociabilidade é um dos mais visíveis, mesmo aos leigos, mas não é o único. Mesmo antes dos três anos de idade, já é possível saber.

Portanto, diante de mim, estava o meu primeiro caso de natureza neurológica. Embora eu tenha estudado muito esse assunto, busquei uma supervisão específica para esse caso. Minha ex-professora Andréia era a profissional para isso.

Não foi preciso mostrar o fim da lista para que ela dissesse: "o menino é autista. Catorze anos de idade e só

agora que ela procura ajuda?!" (Imagino que a professora Andréia também faça os seus exercícios diários de foco profissional).

Ela confirmou o que eu pensei em fazer: ver o menino e, logo a seguir, encaminhar ao profissional adequado nessa faixa etária, o neuropediatra.

Na sessão seguinte, recebi Vinícius. Definitivamente não era um menino feio. Estava na fase chamada "estirão", na qual o crescimento do adolescente pode ser notado de maneira desequilibrada, em contraste com as formas do corpo infantis até então.

Vinícius não me olhava diretamente. Mantinha o olhar desfocado. Demonstrava boa educação e respondia às minhas falas. Conversou sobre tudo o que eu propus, a partir das informações que sua mãe me trouxe. Quando perguntei do que ele mais gostava na obra de Monteiro Lobato, respondeu assim: "o pó de pirlimpimpim é o que eu mais gosto. Ele não é só uma mágica para ficar invisível. Ele é a imaginação das pessoas que usam o pó".

Essa resposta me emocionou. Precisei me ajustar e seguir a conversa. A conversa seguiu fluida, reveladora e muito agradável para mim. Não se tratava apenas de um menino muito inteligente e cheio de informações literárias, como realmente demonstrou ser em poucos minutos. Vinícius era sensível, observador e educado. Diante de mim, não estava um garoto portador do TEA. Era apenas uma criança que tinha suas particularidades.

Ao final da sessão, chamei Vera para conversar. Embora eu não estivesse habilitada para definir o diagnóstico, pois isso requer exames aplicados por um especialista, eu deveria falar das minhas suspeitas.

Antes de informar Vera, eu fiz a seguinte pergunta: "Vera, o que você sabe sobre autismo?".

Ela respondeu de sobressalto: "O que é esse negócio? Meu filho tem isso?".

Expliquei sobre os sintomas que observei durante a sessão, além de cruzar com as informações que ela mesma me trouxe. Mesmo assim, trata-se de um diagnóstico que deve ser feito por um profissional especialista. Eu disse que o encaminharia e ele seria muito bem acompanhado, pois eu conhecia um ótimo neuropediatra para isso.

Vera parecia não ter entendido. Então, dediquei mais tempo na tentativa de esclarecer e alertar para a importância do acompanhamento. A mãe realmente não tinha a menor noção sobre a condição do seu filho. "Diferente" era a definição que reduzia a percepção sobre Vinícius, esse garoto tão capaz.

Vinícius foi encaminhado ao neuropediatra. Seu diagnóstico foi confirmado. Felizmente, as limitações da mãe sobre o conhecimento da condição do menino não impediram que ele seguisse com o tratamento. Também me agrada saber que ele está sendo acompanhado por outra psicóloga que atende na mesma clínica do neuro. Muito mais prático para a família, naturalmente.

Nenhuma família, pai, mãe, responsável deve deixar de verificar as coisas relacionadas à saúde infantil. Uma das coisas que se sabe a respeito de tantos transtornos é que muitos deles são para a vida toda. Entretanto, a mesma ciência revela que o suporte familiar faz toda a diferença no desfecho desse transtorno. Seja em acompanhamentos médicos ou afetivos, a intervenção familiar revela-se a base do tratamento.

Eu, Júlia, 27 anos, psicóloga recém-formada, pude rapidamente verificar isso na minha curta experiência. Mas estou certa de que, além dos fundamentos clínicos, o suporte da família, seja consanguínea ou afetiva, é determinante para a vida dessas pessoas que não devem ter seus nomes substituídos por um transtorno. São apenas pessoas diferentes de nós. Esse é o exercício para o qual temos que nos apresentar diariamente.

Afinal, somos todos iguais?

# Filho Quarenta Vezes

Doutor, por que velho precisa disso?

A vida inteira passei sem esse negócio. Agora, com 75 anos, minha filha inventou esse negócio. É remédio de todo o tipo pra um lado, médico pra outro. Eu tô bem.

Nada contra o senhor. Não me leve a mal. Mas eu tô cansado.

A minha filha diz que psicólogo é bom pra conversar. Mas nisso eu sempre fui bom.

Me aposentei taxista e segui trabalhando. Sabe por quê? Porque eu gosto da boa conversa. Na corrida ou parado no ponto, a conversa era boa.

Às vezes, na corrida, não tinha jeito. Só de olhar o rosto do passageiro, já dava pra saber que ali não teria conversa. Com outros, o papo já começava antes do vivente sentar.

Mas o bom da conversa era no ponto. Lá eu tinha gosto. Tinha uns amigos muito bons.

Tinha café, bom mate. Tinha uns sujeitos que baixavam o nível, às vezes. Mas a turma dava uma olhada séria pra eles. Aí o sujeito maneirava.

É que ali todo mundo tinha filho e até neto. Então, todo mundo queria ser bom exemplo pras suas crias.

O senhor tem filho? Tenha, doutor. E o dia que o senhor tiver neto, então... vai ser uma barbaridade de bom. Neto é como ter filho quarenta vezes. Eu tenho onze.

Mas olha, doutor, já que o senhor me deixou falar, eu ando um pouco triste. A toda hora recebo a notícia de um

amigo que morreu. Uns até bem mais novos do que eu.

Aí, esses dias, depois que soube de mais uma perda, fui até o ponto em que trabalhava pra encontrar boas conversas. Cansei de ficar triste. Não achei ninguém conhecido. E ainda recebi a notícia que outros dois amigos faleceram há quase um ano e eu nem sabia. Puxa, doutor, ficar velho é só perder?

Doutor, não se engane. Eu não sou de falar tanto. Mas eu gostei do senhor. Parece interessado na conversa.

O senhor tem vô? Se tem, eu vou lhe garantir: ele gosta muito do senhor. Além do mais, é impossível não amar um neto. E o senhor é muito educado. O senhor tem bons modos. É um rapaz bonito. Ah, com certeza ele gosta muito do senhor. Neto é presente de Deus.

Olha, eu não queria falar disso, mas já que o senhor me ouve...

Eu tenho medo de que a minha esposa morra. Na verdade, há algum tempo, eu venho sentindo umas angústias assim. Com tanta gente conhecida morrendo... E o medo de perder os filhos, doutor? Às vezes eu tô parado e do nada essas coisas apertam meu coração. Eu estava no aniversário da minha netinha. Todos felizes, inclusive eu. Aí veio aquela coisa estranha, do nada. Bateção de coração, tontura... Quando isso acontece, parece que vou morrer. Depois passa. Some. Quanto medo, doutor. Eu nem sei o que faria se alguma coisa acontecesse com eles.

Quando começaram a mandar foguete pro espaço, eu ouvi no rádio que os cientistas queriam enviar pessoas pra fazer teste. Eu, que nunca quis chegar perto de avião,

pensei em me oferecer, se eles garantissem que cuidariam da minha família, sabe. Mas eu não sabia como me oferecer.

Sabe, doutor, uma vez um senhor apressado subiu no meu táxi. Tem muito disso. Parecia nervoso. Aí, eu passei de uma rua que ele queria entrar. Então ele gritou comigo. Eu quase retruquei. Mas, se eu fizesse isso, as coisas iam piorar.

Quietinho, corrigi o caminho e fui pra onde ele queria. Era uma corrida das boas. Quando ele foi me pagar, eu não quis receber. Disse que era a contribuição pro dia dele ficar melhor. Toquei o meu fusquinha.

Doutor, a minha filha, que é muito inteligente, disse que quando a gente conversa com psicólogo é como mexer em um armário antigo e abrir as gavetas bagunçadas. Tem coisa que não acaba. Às vezes, diz ela, o armário é um monstro cheio de coisas feias e confusas. Mas ela disse que o senhor ajuda a arrumar essas gavetas.

Doutor, o senhor tem bíblia? Tem um monte de livros aqui, mas eu não vi a bíblia. Quando a gente voltar a conversar, vou lhe trazer uma.

Doutor, eu acho que...

— Sr. Antônio Mendonça, o senhor pode passar. Pode passar, por favor, avisou a secretária com voz amável.

— Ah, me desculpe se o assustei, Sr. Antônio, completou a moça, percebendo que o velho estava distante.

— Vamo lá, vô! Acorda. Até parece que tava em outro mundo. Agora entra e fala com o psicólogo do jeito que a mãe recomendou, certo? Te espero aqui.

# Have You Ever Seen...?

Fui ver a tradução daquela música do Creedence *Have You Ever Seen The Rain.* Pensei que tivesse mais declarações de amor à chuva e coisa e tal. Esperava mais. Sabe, é que eu realmente gosto da chuva. Tudo nela me agrada. É fresca, traz vida pras plantinhas, enche rios, limpa o ar e cai do céu. Você já pensou nisso? A chuva é água que cai do céu. Por que isso me encanta tanto? Eu deveria saber?

Você é um cara que sabe das coisas, né? Tem até um nome que se dá pra isso, que eu sei. Eu vi minha mãe ouvindo um *podcast* sobre o Lacan. É o tal "sujeito suposto saber". Não entendi muita coisa. Mas parece que esse sujeito e esse saber tem a ver com vocês aí desse lado, não é não?

Não sei direito por que eu tô aqui. Mas eu gosto de falar com você. Eu falo pelos cotovelos. Mas aqui é diferente. Tem uma coisa no teu olho. Parece que você me escuta com o olho, os dois, na verdade. Fora daqui, as conversas são muito "eu também", sabe. Qualquer coisa que eu diga sempre tem alguém do outro lado dizendo "eu também". Nunca rola um "nossa, que legal, e aí, me conta mais." Acho que esse é o nome da minha geração: "eu também".

Ah, você achou engraçado, né? Eu sei quando você quer rir. Não precisa disfarçar. Vai lá, doutor, solta essa gargalhada. Ficou vermelho, hahaha.

É que sou meio escrachada. Pra ser sincera, bem sincerinha mesmo, eu acho que invento essas coisas pra não falar de mim, lá no fundo, lá aonde você quer que eu chegue. Eu vejo que você me puxa pra algum lugar aonde eu não quero ir. Isso é defesa, né? Tá vendo? Riu de novo!

Acho que você tá gostando do papo, né? Tô dizendo as coisas que você quer, né?

Você me acha bonita? Branquela desse jeito, eu não faço sucesso na praia. Mas uma garota de vinte e um anos é uma garota com uma idade e tanto.

Olha só: desde o início da terapia, a minha mãe fala que eu posso abrir a boca e dizer tudo o que eu quero. Ela disse que isso é uma técnica. Tá certo mesmo? É isso que é a livre associação, né? Pois é. Mas esse negócio não é tão simples como parece. Eu tento, juro. Mas às vezes não dá.

Há quanto tempo que eu venho aqui? Uns três meses, eu acho. Agooooora, depois desse tempinho, eu começo a ficar um pouco mais à vontade pra falar qualquer coisa.

Olha só, "Senhor Suposto Saber" (acho que vou lhe apelidar de "S" ao cubo, hahaha). Mas veja só: eu não lembro do rosto do meu pai. Acho que a barra dele com a minha mãe foi pesada. Não têm fotos dele pela casa. E é curioso, mesmo eu vendo as fotos dele, seu rosto não se fixa na minha cabeça. Eu tenho começado a imaginar o meu pai com a sua cara, sabe?

Meu deus, há quanto tempo eu estou em silêncio? Porra (ops, *sorry*!)! Essa é a primeira vez que eu paro de falar por tanto tempo aqui. Você cronometrou?

Tenho vontade de chorar, sabe? Normalmente eu não choro. Só de raiva. Eu choro de raiva. Choro pela injustiça. Vou procurar emprego de super-heroína.

Que mentira! Nem de raiva eu choro. Não sei fazer nada mesmo.

Às vezes, vem uma vontade de chorar por mim, pela falta do meu pai, pela minha mãe, que terceiriza tudo pra mim. Me manda aqui conversar com você. Pra quê? Ela terceiriza a conversa que deveria ter comigo. Tem professor pra isso, professor pra aquilo outro, professor de tudo mais o cacete (ops, escapou de novo!). Ah, foda-se, vou falar sim! Se ela pudesse terceirizar um cacete pra mim, ela faria isso. Mas cacetes são sempre de terceiros, né? Acho que não usei um bom exemplo.

Você me acha engraçada, né? Eu adoooooro isso.

Hoje, na hora do final da sessão, eu queria que chovesse. Mas assim, que chovesse meeeega!!!

É engraçado. Eu tô começando a desconfiar que eu tô terceirizando o meu choro. Será que é por isso que eu gosto tanto da chuva?

A gente começa a pensar umas coisas estranhas quando começa a fazer terapia, né?

# Guilherme O.

Como psicólogo, um dos trabalhos mais importantes é facilitar aos pacientes a construção da sua autonomia. Desenvolver e fortalecer os seus próprios recursos são questões fundamentais para uma existência saudável. Há muitas maneiras de empreender nessa construção. Às vezes, o paciente está tão abalado que seus primeiros passos são dados em centímetros. É um acompanhamento feito a partir de muita escuta, observações e, quando oportuno, intervenções. Muito estudo, técnicas e dedicação são requeridos para esse acompanhamento.

Perceber o momento certo das coisas implica tempo e interação entre psicólogo e paciente. Há todo o tipo de resposta às intervenções. Alguns manifestam ideias muito interessantes e se mobilizam facilmente frente às suas descobertas. Outros precisam do fortalecimento até que as ideias possam eclodir. Por melhores que sejam, algumas ferramentas internas ainda estão limitadas a um ser humano que não consegue se articular internamente por causa do seu momento de debilidade.

Todos têm o seu tempo de resposta ajustado a si mesmo, à sua história, às suas possibilidades. Devem ser respeitados.

Guilherme O. escrevia muito. Era arquiteto de formação, mas nunca exerceu a profissão. Trabalhava na universidade federal, em um departamento de serviço aos

alunos no qual via grande valor social. Dizia querer ser diplomata, mas apontava esse desejo como um devaneio tardio e nada mais.

Houve um tempo, durante o curso de arquitetura, em que Guilherme se preparava para o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA). Seu desempenho escolar e acadêmico apontava para a aprovação em um dos concursos mais prestigiados e difíceis do Brasil. Entretanto, desistiu na véspera da primeira prova, dizendo que perdera o interesse.

Guilherme gostava de dizer que seu automóvel, uma aquisição recente, estava à disposição de quem precisasse. Tinha uma cultura acima da média, isso era flagrante. Falava mais de dois idiomas, dedicava-se a estudos de grandes obras literárias e tinha posições políticas muito firmes e fundamentadas na história.

Não gostava das religiões, embora procurasse exercitar a compreensão do tema. Mesmo assim, via-se irritado diante de opiniões religiosas ou moralistas, especialmente no ambiente acadêmico. Nas conversas acaloradas, quando indagado sobre o seu visível incômodo, dizia: "Sem problemas. Apertei o botão da boa educação. Mas um dia desses eu ainda erro esse botão".

Demonstrava muito interesse em nossos encontros semanais. Trazia questões sobre si, sobre a existência e a história da psicologia. Era dedicado leitor de alguns teóricos, como Freud, Winnicott e Paulo Freire, e de literatura universal.

Costumava dizer que, após as nossas sessões, tinha outro psicólogo a quem chamava de "Dotô Folha de Papel". Ele escrevia as suas reflexões. Às vezes, me mostrava ou, simplesmente, mencionava o conteúdo da escrita.

Certo dia, Guilherme pediu que eu lesse um dos seus textos. Não foi difícil perceber que o teor era profundo e de grande valor para o trabalho ao qual nos propúnhamos. O conteúdo passou a ser pauta frequente, se não constante em nossos encontros. Era surpreendentemente mobilizado em relação à sua busca interna.

Eu não apenas li as coisas escritas. Vi naquele texto uma quantidade muito grande de coisas que ainda queriam ser ditas. Algumas já despontavam. Entretanto, outras buscavam uma formulação, uma palavra que se conectasse e trouxesse sentido. Havia gemidos buscando por uma significação. Também entendi a importância de ter a escrita de Guilherme denunciando as forças dentro dele.

Guilherme sempre se expressou muito bem. Porém, aquele texto era um mergulho numa profundidade que eu não imaginava que o paciente pudesse alcançar. Muito interessante o trabalho do meu colega "Dotô Folha de Papel".

As minhas impressões a esse respeito são muito menos importantes. O que vale mesmo é o mergulho do rapaz.

Reproduzo aqui parcialmente o referido texto com muito cuidado. Fiz os ajustes importantes para manter o anonimato. Além do próprio codinome, eu removi algumas referências geográficas. O texto foi apelidado de

*Acordo 01 de julho.*

*ACORDO 01 DE JULHO*

*Acho que estou descobrindo um covarde em mim. Percebo que há mais medos do que eu poderia imaginar. Estou prostrado diante desses medos e nunca percebi. Toda a autoestima que eu supunha a meu respeito não corresponde. Ou, ao menos, não mais. Esses medos não se revelam, não estão na luz da minha percepção. Eu tive que correr atrás deles.*

*Segui algumas pistas e eles estavam lá, aos montes, atuando sorrateiramente no porão de mim mesmo. Estavam travestidos de bondades, artes, sociabilidades e bons modos. Quem diria: meus medos eram todos bonitos!*

*Há muito tempo que venho pensando em algo que o Freud falou sobre a agorafobia. Ele descreve que o desconforto de quem sofre com ela está relacionado às demandas libidinais às quais o sujeito se vê exposto quando sai na direção da "ágora".*

*Que interessante. Quando li isso eu parei. Meu inconsciente deve ter identificado meus medos quando reli com mais atenção. Houve um estranho silêncio interno, mas eu entendi que havia algo nele. Algo ecoou. Existia uma complacência, um acordo entre aqueles entes. Eu estava descobrindo os meus "atores", tão camaleões. Meu medo os contratou para atuar na forma de uma grande e bem-sucedida agência teatral.*

*Estabelecia-se, ali, um compromisso mútuo em deixar que as coisas assim continuassem.*

*Era um jeito interessante de ter medo. Um jeito "bonito". Medos escondidos em virtudes. "Perfeito, esse disfarce, Herr Angst!", disse eu. "Você me surpreendeu com essa capacidade de um camaleão jovem, saudável e vigoroso." Mas agora que eu te achei, vou te seguir. Vamos acertar as contas. Vamos negociar. Preciso que você me dê um espaço. Um espaço mais fluido, mais promissor. Talvez, a gente possa conviver e deixar as coisas mais claras. Me dá espaço para, ao menos, não ser covarde.*

*Eu vou te dizer um por um desses medos disfarçados pra te provar que estou vendo tudo. Começando com os meus discursos mais comuns:*

*"Eu não sou competitivo. Essa história de competição não cabe em mim. Não importa quem chega primeiro. Importa que todos cheguem."*

*Mentira: competir significa se expor, arriscar e se comprometer. Eu sempre preferi alimentar a imagem do cara que "escolhe" não competir porque eu não correria o risco de perder. Eu sempre tive medo de perder.*

*"Eu trato a todos igualmente, pois sou muito educado."*

*Mentira: usei a minha boa educação como arrogância para dizer que, através dela, eu era melhor. Na verdade, eu me acho melhor, sim. Lembra das determinações da coroa britânica aos enviados à Austrália? Os emissários eram instruídos a dar gorjetas polpudas aos locais como demonstração de poder. Não havia nada de generoso no ato. E tem mais: eu não tenho paciência com religiosos e acho isso tudo uma grande bobagem. Meu medo de não ser aceito*

*está disfarçado em convenção social. Afinal, moços educados não discutem e eu quero ser aceito e amado.*

*"Eu sou um cara desapegado."*

*Mentira: na verdade, quanto menos eu me apegar, menos eu preciso lutar por algo. Eu tenho apego a coisas, sim.*

*"Eu não gosto de dinheiro."*

*Mentira: eu gosto, sempre gostei e sempre quis ter muito. Entretanto, se eu assumir isso eu me coloco na perspectiva da competição, à qual já me referi. Mais uma conversa fiada. Com essa atitude, eu pareço querer, no fundo, mostrar aos meus pais que sou um bom moço religioso e afastado das paixões mundanas. Santa confusão essa que eu me arranjei.*

*Aqui relaciono apenas quatro itens, dentre vários outros, que achei e seguirei buscando. Tem muito mais coisa que tá sufocando quem realmente eu sou.*

*Sou arquiteto e preciso enxergar as coisas numa certa estrutura. Essa minha desorganização interna me abala estruturalmente. Isso não é um funcionamento, pelo contrário, está programado para não funcionar. Muita energia perdida, sem direção e sem resultado.*

*Eu te proponho um acordo (embora eu nem saiba direito com quem estou falando, mas acho que é com o meu medo):*

*Não precisa te esconder de mim. Eu não poderia viver sem medo. Ninguém pode. Portanto, vamos conviver. Apenas peço que não te escondas mais, pois, pra eu viver*

*bem, não dá pra ser covarde. Você não pode atrapalhar as minhas ações espontâneas. Eu preciso dessas ações para viver, entende?*

*Eu topo o medo, topo fracassar, topo a fraqueza. Mas covardia eu não quero. E do jeito que eu tenho vivido, disfarçando tudo o que realmente quero, essa situação faz de mim um covarde. Eu deixo as minhas fraquezas aflorarem. Vou elaborar cada uma. Mas eu não quero ser covarde. Se sou, por que sou?*

*Hoje eu vejo os cenários que montei. Cenários para poder atuar na vida. Não falo dos cenários no sentido pejorativo, da não verdade. Me refiro aos caminhos que escolhi e às configurações da minha existência. Até vejo os méritos desses cenários. Foram (inicialmente) ideias muito boas.*

*Mas entenda, Sr. Medo, esses cenários não me servem mais. Quase nada. Não me despertam o interesse. Não vejo o que criar sobre eles. Podem ser até admissíveis. Mas são insuportáveis pra mim. A peça teatral acabou. Fim de temporada.*

*Entretanto, o que é realmente sério é que agora eu não tenho disposição em criar outros cenários, seguir outros caminhos, desejar, sonhar. Será que isso é a depressão? Não sei. Mas eu não quero essa dor de não ser. Quero a autenticidade dos meus desejos sem dissimular tanto.*

*Vamos ajustar isso, Sr. Medo. Eu não fujo de você e você não me persegue. Mas, quando for necessário o encontro a gente faz o que deve ser feito. Afinal, o nosso corpo tem um sistema feito para isso — o tal de luta e fuga, não é mesmo?*

*Caso contrário, vou viver cansado, me arrastando até desejar morrer. Essas dissimulações já levaram muita energia.*

*Aceita o meu acordo?*

*Lembro de ter visto as baratas criadas no Instituto Butantã. Elas estavam guardadas em uma caixa plástica alta, cujas paredes eram revestidas por vaselina. Elas não podiam escalar. Não podiam usar as suas capacidades de barata. Escorregavam, caíam, cansavam. Me sinto uma delas. Me sinto uma barata.*

Esta é uma parte do texto de Guilherme O.

Resistirei a comentá-lo ou apresentar qualquer visão analítica a respeito.

Que nos sirva.

# Helena, Sem Querer e aos Poucos

*A doença da mente dividida. Perda de contato com a realidade, distorções marcantes na percepção do real e comprometimento no teste da realidade. Segundo a literatura médica, a dificuldade de avaliar o mundo objetivo é um dos principais marcadores da esquizofrenia. Além disso, as causas exatas dessa condição ainda não são totalmente compreendidas. É uma doença multifatorial, não tem uma origem específica. É uma das psicoses mais frequentes. Carrega consigo elementos genéticos que, por sua vez, têm o agravamento nos fatores ambientais e sociais. Esse quadro é frequentemente agravado por traumas e pelo uso ou abuso de substâncias.*

No curso de psicologia, o volume de conteúdo assusta um pouco. A linguagem técnica vai aumentando e compondo um idioma. Quando entram as matérias de psiquiatria e psicofarmacologia, a mão acadêmica pesa sobre o aluno. Fazer o quê? São assuntos da maior importância, especialmente por se relacionarem cotidianamente com a vida do psicólogo, desde a fase dos primeiros estágios. Portanto, um estudante de psicologia sabe que não deve se desfazer dos seus trabalhos acadêmicos. Com a nostalgia somada a algum peso, Helena relia o seu trabalho de psicofarmacologia. Aos poucos, ela ganhava outra compreensão daquela matéria.

*A esquizofrenia está associada a desequilíbrios químicos no cérebro, especialmente envolvendo neurotransmissores, como dopamina, glutamato e serotonina, que desempenham um papel importante na regulação do humor e do comportamento. Mas o problema do portador da esquizofrenia não se reduz apenas à doença. Todas as questões sociais tendem a ser árduas na vida não apenas do esquizofrênico, mas de toda a sua família. Os estágios médio-avançados da doença apontam severas alterações de comportamento. Verbalizações rudes, vulgares e até mesmo violentas abalam a estrutura familiar e criam impedimentos sociais que contribuem para o agravamento da doença.*

Woody Allen disse que humor significa distanciamento. No caso das doenças mentais, essa regra se aplicaria em certo sentido. Não pelo humor, naturalmente. É que, sob certa distância, tudo parece ser tangível. É possível falar sobre câncer, amputações e toda a sorte de dores. Afinal, a distância protege e permite a fluidez lógica dos problemas de cada um dos males. Será que é aí que nasce uma certa síndrome de deus na distância da realidade supostamente observada?

Na cabecinha saudosa de Helena, abria-se esse diálogo. Agora, sendo uma psicóloga formada, já com vários pacientes e ingressando em sua primeira pós-graduação, os escritos acadêmicos apresentavam outros contornos. A letra fria do trabalho redigido no sétimo semestre foi aquecida pelas experiências da jovem profissional de saúde

mental. Neste momento das suas vidas os profissionais costumam manejar bem a distância entre pacientes, o comprometimento ético e as suas vidas pessoais. Mas ninguém é totalmente blindado. Helena muito menos.

*Dessa forma, está posta a segunda questão da esquizofrenia: como cuidar do adoecido? Quais as especialidades médicas, instituições e medicações que dão o suporte necessário ao esquizofrênico e aos seus cuidadores? Além do mais, a esquizofrenia traz consigo dois tipos de sintomas: os chamados sintomas de primeira ordem, que derivam diretamente da doença, e os sintomas de segunda ordem, que advêm, inevitavelmente, da medicação empregada para tratar os de primeira ordem. Apontada como uma doença que se manifesta em espectro, a esquizofrenia pode se manifestar de maneiras e intensidades diferentes. Esse, portanto, é um dos aspectos mais importantes do ponto de vista da psicologia, pois, mesmo sendo uma doença sem cura, ela pode ser acompanhada, controlada e contida em seus sintomas mais severos.*

Uma das primeiras pacientes de Helena na clínica não era esquizofrênica. Era filha de um homem diagnosticado aos quarenta anos. A bancária e os dois irmãos, além da mãe, alternavam-se nos cuidados. A família era unida. Havia tratamentos especiais, acompanhamento médico e um sério envolvimento de todos. Mesmo assim, era pesado. Todos mostravam sinais de esgotamento. O desgaste emocional diante do quadro do pai transformava tudo em

desentendimento. Ninguém era poupado.

*Há dois aspectos que destacamos neste trabalho. O primeiro deles é a família. Sabe-se que os ambientes familiares são centrais na evolução da doença. Famílias que conseguem oferecer um ambiente acolhedor revelam menor propensão ao desenvolvimento de sintomas mais fortes. Verifica-se que traumas infantis, por exemplo, agravam alguns sintomas de natureza social. O segundo aspecto é a farmacologia empregada. A busca pela medicação, dosagem e administração corretas está no centro de um bom tratamento.*

Solitária em seu quarto, ela começou a chorar. Aquele texto passou a ser lido com outros olhos. Na verdade, era outra Helena. Não era a estudante nem a psicóloga. As descrições de sintomas, as medicações e rotinas de cuidados abatiam o rosto amável da moça. Agora tudo aquilo estava tão perto. Não seria mais possível ser racional, acadêmica e distante. A proximidade não deixaria.

*O surgimento da psicose e da esquizofrenia geralmente ocorre no final da adolescência ou início da vida adulta, com a fase aguda do episódio psicótico ocorrendo em torno dos vinte anos. Os sintomas podem surgir de forma abrupta ou gradual e incluem distorções do pensamento, alucinações, afetos inapropriados e déficits cognitivos. Geralmente incluem depressão, perdas diversas e prejuízos cognitivos. Os indivíduos com esquizofrenia geralmente requerem apoio formal ou informal em suas atividades diárias, devido à natureza crônica da doença. Outros sintomas prodrômicos*

*podem incluir perda de energia, iniciativa, interesse e humor depressivo.*

As coisas começavam a se encaixar. A vida de Miguel revelava-se naquele texto. Em outro momento, ele foi um trabalho acadêmico. Agora, era a descrição precisa do estado de saúde de um familiar tão próximo. A depressão, os comportamentos estranhos, a perda da vitalidade, a higiene e o vestir, tudo era um retrato que tornava aquele trabalho mais real do que Helena desejava.

*Dentro do espectro da esquizofrenia e dos transtornos psicóticos, os sintomas podem variar, incluindo delírios, alucinações, pensamentos desorganizados e comportamento motor anormal. A alucinação, por exemplo, é caracterizada por uma imagem perceptiva real, aceitável pelo juízo de realidade do indivíduo, enquanto o delírio é um juízo patológico falso com uma certeza absoluta.*

Miguel era esquizofrênico. Seu irmão de vinte e três anos havia recebido o diagnóstico definitivo. Ninguém consegue entender isso direito. Mas o diagnóstico do rapaz parecia agredi-la de forma particular. Ela era uma psicóloga que faria uma pós-graduação em neuro. Isso soava paradoxal. É curioso observar como a mente das pessoas ativa qualquer forma de defesa nessas horas. Mesmo as ideias mais irracionais e até mesmo abjetas desfilam em carro aberto sem qualquer pudor quando o assunto é preservar a si mesmo. E o foco vai embora.

*O estigma associado à esquizofrenia oferece tensões incalculáveis a todos os envolvidos. A exclusão social,*

*a dificuldade em arranjar emprego e a falta de acesso ao tratamento digno são apenas o básico de um pacote de problemas. Além disso, a falta de compreensão sobre a natureza desses transtornos pode levar a abordagens inadequadas por parte da sociedade e dos profissionais de saúde. A falta de informação sobre os sintomas, tratamentos e prognóstico da psicose e da esquizofrenia pode resultar em atrasos no diagnóstico e no tratamento, o que pode ter consequências graves para os indivíduos afetados.*

Não cabia mais a distinção entre profissional, irmã ou pessoa comum. Todas essas entidades teriam que ser uma só. Miguel era o foco.

*Abordar as questões sociais e humanas relacionadas à psicose e à esquizofrenia requer uma abordagem séria, comprometida, integrada, envolvendo a educação pública, o apoio familiar, os serviços de saúde mental adequados e a promoção de políticas inclusivas e não discriminatórias. A conscientização e a compreensão desses transtornos são fundamentais para reduzir o estigma, melhorar o acesso ao tratamento e promover uma sociedade mais inclusiva e solidária. O esquizofrênico e sua família podem ter vida digna.*

Miguel seria um jovem bem assistido. Ele seria bem cuidado pela irmã, orientado pela psicóloga e respeitado pela pessoa comum. O jovem tinha potencial para a vida e, portanto, Helena o faria emergir dentro das possibilidades do afeto familiar, dos cuidados médicos e de todos os direitos que os portadores de esquizofrenia têm.

Helena, ainda chorosa, começava a pensar que foi muito bom ela mesma ter feito aquela pesquisa e redigido o texto. Como se fosse uma ação premonitória, preparou-se e fundamentou os seus interesses em clinicar, além de começar as suas especializações na área neurológica. Pensava consigo mesma que, inconscientemente, já percebia os sintomas leves do irmão, que eram discretamente revelados. Isso a teria mobilizado e direcionado.

Quando alguém adoece, perde o nome e passa a ser identificado por um transtorno. Helena pensaria em Miguel como uma pessoa viva e capaz de absorver os sabores possíveis dessa existência.

Miguel, sim, era uma pessoa com um transtorno psiquiátrico importante. Seria cuidado pela sua família. Ele teria acompanhamento médico, psicológico e um prognóstico favorável.

Miguel continuaria atendendo pelo seu nome, não pelo nome de uma doença. Helena seria um agente da vida na existência de Miguel.

# Professor Mário

## I

Mário O., ou "Professor"*, como era tratado desde os tempos de aluno na faculdade de psicologia, começou a diminuir aos poucos as atividades clínicas para ocupar-se mais com o ensino. Mantinha um dia de atendimento semanal no consultório que dividia com outros colegas, quase todos muito mais jovens.

Professor não era apenas o seu ofício. Na faculdade, ganhou este apelido pelo tom professoral que espontaneamente assumia quando apresentava as suas ideias. Alguns mais engraçadinhos diziam que se Professor Mário falasse com legendas, apareceriam entre parênteses as referências bibliográficas descritas ao lado das suas frases.

Mário costumava proferir aulas em forma de palestras. Suas preleções eram disputadas, pois o experiente mestre, além de conhecer bem as disciplinas ministradas, também conquistava pela honestidade. Não tinha qualquer problema para dizer "eu não sei", mas costumava comprometer-se em pesquisar ou pensar sobre o tema.

Além disso, era irônico e engraçado.

Todos diziam que suas matérias semestrais eram conversas, tal era o envolvimento que promovia. Na universidade, era convidado a "conversar" com os alunos de outros cursos, mesmo aqueles com os currículos mais distantes da psicologia. Era um homem disponível.

O pessoal do curso de jornalismo já o havia convidado para uma entrevista. "Professor, vou mandar as perguntas por e-mail, certo?", dizia o jornalista quando cruzava com o mestre pelo campus. O Professor Mário respondia com graça: "pode mandar. Não vou responder. Quero conversar com você ao vivo, garoto!".

Diego, o "garoto", ria.

— Professor Mário, obrigado pela sua disponibilidade para conversar comigo. O senhor deve ser um homem muito ocupado. Mas a editora do nosso jornal, o "Foca na Matéria", disse que ter as suas ideias publicadas nesta entrevista seria um tremendo ganho para os nossos leitores estudantes.

— Imagine, Diego. Eu estou sempre disponível para conversar sobre os nossos pensamentos. Aliás, permita-me uma correção inicial: eu não sou um homem muito ocupado. Não me permito chegar a isso.

— Opa! Começamos bem a nossa entrevista!

— Digo o mesmo. Estamos conversando sobre o pensamento, tomando um bom café de boteco e pão de queijo de ontem. O que poderia ser melhor?

— O senhor é muito engraçado.

— ...

— Mas me diga, Professor... eu assisti a uma palestra sua sobre moralidade. O senhor tem uma abordagem bastante atual sobre alguns conceitos. Eu gostaria de desenvolver a nossa entrevista por esse caminho.

— É um caminho bom. Mas prefiro chamar o nosso encontro de conversa. Pode ser?

— Claro. Vamos conversar. Mas de gravador ligado.

Dessa maneira, o jornalista Diego e o Professor Mário começaram a entrevista/conversa. Espontaneamente, o Professor ficava muito à vontade na condição de falante. O celular com o gravador de voz ligado não causou nenhum estranhamento ao Mestre das psicologias. Embora também vivenciasse a condição de clínico, gostava mesmo de se apresentar como Professor, a sua "vocação favorita", como costumava dizer com muito gosto e simpatia. E acrescentava: "você pode até escrever deus com letra minúscula. Mas, Professor, é com maiúscula."

— A palavra é toda sua, Professor.

# II

Veja, Diego, há um nó. É uma trama que envolve, pressiona e funde elementos de naturezas muito distintas. Ele também funda pensamentos, afetos e comportamentos. A força que essa fusão nodal exerce estabelece os vínculos entre sentidos, cultura, moralidade e as práticas coletivas e individuais. Não é possível desatar esse nó, mas ele não deve ser tão apertado.

A moral nos domínios da psicologia é um dos principais focos de interesse do meu trabalho. Afrouxar o nó da moralidade é um dos meus propósitos, especialmente na atividade de Professor. Estudando os pensamentos de Nietzsche, Freud, Foucault, entre outros, busco entender o processo que criou as definições do que chamamos bom e mau. Michel Foucault é uma vertente apropriada ao objetivo desse estudo. O pensador francês aponta que as práticas discursivas, relações de poder e normas sociais interagem para moldar as concepções de moralidade ao longo do tempo.

Hoje pela manhã, tivemos uma boa conversa em aula. Meu aluno perguntou: “Professor, para além das definições acadêmicas, o que é moralidade?”.

Gosto muito da possibilidade que o “além das definições acadêmicas” traz.

Comecei respondendo assim: “moral significa fazer uma lista de ações, agrupá-las e dizer que, do lado direito, está a lista de coisas bonitas e, do esquerdo, as feias” (observe que até mesmo a posição de feio/bonito está moralizada — o bonito sempre à direita).

Claro que isso é apenas um preâmbulo engraçadinho, embora ele represente muito do conceito de moralidade.

Na segunda camada da explicação, eu a descrevo assim: “A moralidade pode ser definida pelo emprego de excessiva carga valorativa, abrindo-se mão da avaliação de causas, pensamento técnico, em detrimento do prejulgamento. A moralização da vida é uma redução de possibilidades causais”.

Ao trazer esse assunto, abrimos as porteiras para a história, antropologia, filosofia e psicologia. Vou buscar um jeito de envolver o jornalismo nisso. Não se preocupe.

Muito mais que todas essas fundamentações (importantes, é claro), importa-me que a moralidade seja flagrada entre as nossas ações e revele-se como distorcedora e inventora de coisas. Então, parto da seguinte observação: uma das maiores distorções que a moralidade produz é chamar um animal selvagem de assassino quando ele mata para comer. As TVs por assinatura adoram esses temas. Está cheio de lindos documentários da National Geographic falando em “baleias assassinas”, “tigre-de-bengala, o assassino silencioso”, “tubarão branco, o assassino impiedoso”, e muito mais. Tal compreensão dessa ação natural aponta na direção de como interpretamos todas as outras.

Essa percepção está errada. Ninguém, incluindo os animais, deve ser julgado por comportar-se de acordo com a sua natureza. Se chamamos um animal selvagem de assassino, estamos atribuindo a ele uma condição de humano. A palavra "assassino", em nossa cultura, é definida como uma ação que tem o intuito de matar sem que, para isso, haja uma necessidade. O animal mata para comer; portanto, não é um assassinato.

Esse exemplo nos coloca na trilha do que busco esclarecer. Ao atribuir a um animal uma propriedade que não é dele e, sim, da espécie humana, aplicamos um dos mecanismos da moralidade, que é a transferência de um valor de si próprio para as ações de outro ser ou pessoa.

No seu livro *A Genealogia da Moral*, Nietzsche escreve: "Que as ovelhas tenham rancor das grandes aves de rapina não surpreende. Mas não é motivo para censurar às aves de rapina o fato de pegarem as ovelhinhas".

Logo a seguir, reforça: "Exigir da força que não se expresse como força, que não seja um querer-dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar... é tão absurdo quanto querer que a fraqueza se expresse como força".

Então, há uma primeira condição a ser levada em conta, que é a natureza das coisas, dos entes, dos indivíduos. É preciso estar atento à natureza para poder criticar a moralidade. Ouçamos Nietzsche.

Lembro que outro aluno levantou uma boa questão: "Professor, qual é o maior agente moralizador dos nossos tempos?".

Percebi ser o tipo de pergunta para a qual o aluno já tinha a resposta. Gosto disso. Possivelmente, ele estava pondo a mim ou ele mesmo à prova. Isso é bom para o pensamento crítico.

Antes de dar essa resposta ao meu aluno, fiz questão de contextualizar. É importante lembrar que toda a moralidade é construída a partir de algum tipo de poder. O mesmo se aplica às leis, que são, na verdade, expressões da moralidade. Michel Foucault fala muito sobre isso.

Mesmo sabendo que o assunto causaria incômodo, fui afirmativo na minha resposta: "A religião é o maior agente moralizador de todos os tempos".

Imediatamente ouvi a frase: "O senhor diz isso porque é ateu". Devolvi: "É feio ser ateu? É imoral ser ateu?". Mas foi só um trocadilho engraçadinho e contextualizado.

Naturalmente, ser ou não ateu não tem a menor importância nessa questão. O que interessa são os processos fundantes da moralidade. Isso é apenas história. E a religião é, indiscutivelmente, um desses poderes fundantes.

Uma aluna indagou: "Mas, Professor, o senhor pode provar o que está afirmando?". Eu respondi firmemente: "Com toda a tranquilidade que o café me proporciona".

Então, eu pude apresentar à turma uma estatística muito reveladora. Ao observar as publicações das penalidades aplicadas a psicólogos na revista do Conselho Federal de Psicologia, vemos que elas ocorrem, em sua maioria, por falta de conduta ética relacionada às questões de religiosidade, cura *gay*, discurso religioso no *setting*

terapêutico, além de outras coisas que seriam facilmente enquadradas na nossa conversa sobre a moralidade.

Isso demonstra como a moralidade nos afeta, mesmo quando afirmamos que recebemos os pacientes no consultório sem fazer qualquer julgamento.

Tendemos a nos contentar em sustentar os valores adquiridos e praticados em nossos lares, tornando-os excessivamente sensíveis a qualquer exposição crítica. O aluno de psicologia e o psicólogo devem assumir o rigor do trabalho pela transformação e mudança de seus conhecimentos. Esse impacto requer, entre tantas coisas, o compromisso de abdicar da moralidade e de seus derivados. Caso contrário, restará apenas o juízo de valor, comprometendo qualquer ação indagadora, tão importante para que o terapeuta chegue até as profundezas do seu paciente.

Quando eu penso na generalização e atualização desse assunto, imediatamente vejo algumas questões moralizadas ao nosso redor. Relaciono algumas delas a seguir:

Enquanto acharmos que uma mulher ou homem casados não devem desejar outras pessoas que não os seus cônjuges, não trataremos ninguém.

Se alimentarmos a ideia de que um usuário de drogas ou álcool é uma pessoa fraca de caráter, não trataremos ninguém.

Se entendermos que um comprador compulsivo é uma pessoa fútil, não trataremos ninguém.

Se julgarmos uma pessoa como agressiva, não trataremos ninguém.

Se julgarmos uma pessoa como bondosa, jamais trataremos alguém. Cuidaremos de conceitos antes de cuidar das pessoas.

Adjetivar um paciente é julgá-lo. Significa colocar sobre ele um rótulo que impedirá o psicólogo de enxergar o paciente do jeito que ele é. Caso contrário, o psicólogo perceberá apenas o que ele mesmo quer que o paciente seja.

Diante da vida, não devem existir métricas. A existência é complexa demais para caber dentro de uma régua.

A moralização revela o limite técnico do psicólogo e, portanto, o comprometimento iminente da própria clínica.

O mundo sobrenatural e tudo mais que desconhecemos é sustentado pela moralidade. Não aceitamos o estado de naturalidade da vida. Assim sendo, a moral se interpõe como uma viseira para o psicólogo, que não reconhece em seu paciente um ser natural, mas, sim, idealizado pelos seus autovalores. O psicólogo torna-se um crítico do seu paciente, ao invés de uma figura clínica. O ser natural, tal como ele é, deve nos interessar mais.

Sim, é verdade que não podemos desatar o nó cultural que prende cultura e moralidade. Mas podemos atenuar a tensão desse nó através do pensamento crítico. Conhecimento histórico, conduta curiosa, investigativa e inquieta: essas são as primeiras ferramentas do psicólogo no sistema crítico por ele elaborado.

# III

— Algumas das perguntas feitas pelos seus alunos eu mesmo as teria feito.

— Entendo, Diego. E imagino que isso acontece porque, de certa maneira, a moralidade nos conduz a um certo lugar comum, entende?

— Sim, entendo.

— E creio que isso seja um agravante do problema. Se somos conduzidos aos mesmos lugares, pensaremos as mesmas coisas e estranharemos qualquer pensamento que seja muito diferente.

— Isso significa, Professor, que além de não sabermos responder, também não sabemos perguntar?

— Exatamente.

— ...

— Mas não julgo que esse seja o grande problema. Saber ou não saber é uma questão menor neste contexto. O que interessa é aprender a deixar a porteira do pensamento aberta.

— ...

— Tudo tem prazo de validade. A história, a verdade, as ciências. É bom estudar, mas é muito perigoso ter certeza.

— Mas o senhor dedica a vida aos estudos, não é verdade?

— Sim. Mas por que você acha que eu sigo estudando, Diego? É justamente porque eu não sei. O estudo é apenas uma convenção, uma possibilidade. A verdade, na melhor das hipóteses, é um estado.

— O senhor acha que um dos grandes problemas da nossa civilização é a moralidade?

— A nossa civilização tem problemas demais porque é numerosa demais. Nesse caso, qualquer coisa tem dimensões catastróficas. Mas eu apontaria um problema seríssimo: deixamos de observar. Perdemos a acuidade sensorial. Perdemos a sensibilidade. E aqui eu deixo uma coisa em aberto: não seria a sensibilidade e a capacidade de observar a verdadeira inteligência?

— Pergunta inquietante, Professor.

— Na minha opinião, aterradora.

— O senhor defende uma vida mais sensorial, é isso?

— Não. Eu defendo a criação ou restauração dos nossos novos sentidos.

— Por que restauração?

— Porque acredito que, em algum momento da nossa história, nossos sentidos foram mais atentos e capazes de inferir, de deduzir e, também, de sonhar.

— O senhor está propondo uma leitura do escritor Sidarta Ribeiro?

— Sim, muito bem lembrado. Tudo que eu tenho visto dele é muito interessante. Ele levanta questões sobre os sonhos, sono, capoeira, neurociências. É um homem de valor. O que o Professor Sidarta tem apresentado às ciências é justamente uma gama de coisas que a própria ciência levou o ser humano a perder.

— Como assim?

— Me refiro à memória, por exemplo. Você já pensou que por anos incontáveis todo o nosso conhecimento foi transmitido pela oralidade? Você pode imaginar o quanto de memória e imaginação isso requer?

— Mas muita distorção também, não é verdade?

— E a ciência também não distorce as coisas? Seja pelo erro ou pelo comprometimento com o comércio, a ciência coleciona erros técnicos e éticos.

— Sim, faz sentido.

— É claro que faz, Diego!

— ...

— Ainda sobre o Professor Sidarta, ele resgata a importância do sonho, aquela coisa linda que acontece conosco quando dormimos, e que tanto ocupou o interesse do velho Freud.

— Sim, é verdade.

— Veja, Diego, o sonho é a organização da mente, o desejo e a capacidade de prospectar a vida prática e criativa. Como podemos secundarizar o sonho?

— O senhor tem toda a razão, Professor.

— Claro que tenho, rapaz.

— O senhor realmente é muito engraçado.

— ...

— Mas eu tenho outra pergunta.

— Então, manda.

— Diante de toda essa construção de moralidade apresentada, o que é a bondade?

— A bondade é o nome dado a algum desejo de quem o tem e julga isso útil para si.

— Só isso, Professor?

— Não consigo entender de outro jeito, Diego.

— Parece um conceito bem utilitarista.

— Mas se eu considero que a moralidade é construída a partir de um poder, que é desenvolvido a partir de um desejo ou necessidade de alguém ou de um pequeno grupo, eu não poderia entender a bondade de outro modo. A bondade é moralizada.

— Então significa que a nossa espécie é formada por seres maus?

— Sua pergunta colocada nesses termos moraliza a questão.

— Sim, foi de propósito.

— Mas veja, Diego, essa conversa toda sobre moralidade não significa que somos capazes de viver sem ela. Pelo

contrário, é impossível viver em sociedade sem moralidade.

— Então é sobre o quê?

— É precisamente sobre aprender a criticar a moralidade. Devemos ser honestos com o fato de que, quando pensamos em bondade, estamos sendo, fazendo ou sentindo algo que é bom para nós mesmos. Mas isso não anula o benefício de quem foi alcançado por essa bondade.

— E para que serve isso?

— Para aprendermos a ser honestos.

— Só isso, Professor?

— E você acha pouco? Já pensou no que seria uma convivência sem dissimulações?

— Uma reformulação do nosso modo de existir em sociedade.

— Sim.

— Para encerrar a nossa conversa, me diga, Professor, o senhor é moralista?

— Todos os dias.

* *Neste texto, o autor adota a palavra Professor sempre escrita com letra maiúscula.*

# O Deslize da Caneta

Uma palavra é uma tentativa de representar algo. A palavra não é a coisa, é uma representação da coisa. Acho que foi o José Saramago que trouxe o assunto dessa maneira. A palavra é um mapa, não o território. Parece uma forma muito boa de compreender certa dimensão da vida, as coisas não são, as coisas podem ser.

Eu nunca soube exatamente quais são os verdadeiros domínios desse assunto. Seria a linguística ou a filosofia? Tampouco eu sei aonde essa ideia vai me levar ou onde ela para.

Alimento a ideia de que a possibilidade é o fator motivador das coisas. Inclusive, mais motivador do que a própria certeza. Afinal de contas, a certeza de não dar certo mobiliza nada. Já a possibilidade de não dar certo ainda guarda alguma possibilidade de dar certo.

A palavra "incerteza" precisa ser reciclada e alçada a uma nova compreensão. O incerto é justamente o *status* a desejar, o mobilizador da curiosidade e verificador da possibilidade. É o *status* da expectativa e da tensão.

E tem o caos. Mas o caos é outra coisa. O caos apenas é.

É isso que acontece quando a escrita é espontânea. A caneta sai na frente da ideia (sim, escrevi o texto original à mão).

O que estou tentando fazer neste texto, às custas da sua leitura, é uma espécie de livre associação. Eu nem mesmo

imagino a finalidade disso, mas faz um bem danado.

Mesmo sem saber causa e, muito menos, consequência de alguma coisa, me contento em ver que escrever me traz alguma paz. E, também, a caneta livre me deixa leve. A mão corre solta. Até parece que, enquanto escrevo, leio *Huckleberry Finn* deslizando pela mão do Mark Twain. Oh, paz!

Olha só! Dá pra imaginar que sensação maravilhosa seria escrever Ulysses à mão?

# Caus

O caos é. Ele não é certo ou errado. Não é moralizado. Aliás, ele nem mesmo é caos, essa palavra empregada por falta de termo melhor. Aqui, utilizamos para descrever algo em completa desordem (Aliás, existe alguma palavra que consiga definir algo?).

Reforço que a palavra "caos" recebe aqui o valor possível e aproximado de algo que não está sujeito às regras da moralidade ou da ciência. O caos precede ambas. O estado das coisas é a questão que interessa.

Immanuel Kant sugere que a ordem percebida ao nosso redor, na verdade, seria a ordem que a nossa mente cria para tudo. Assim, o estado das coisas como entendemos seria o estado por nós organizado.

Neste texto, a palavra "caos" não tem o valor depreciativo do uso comum.

Os dois verbos do caos são o "ser" e o "preceder". O "ser" implica o estado de essência, enquanto "preceder" sugere que o caos está antes de tudo.

Ao que nos leva essa reflexão, senão à contemplação de que a vida é inundada de possibilidades e que permitimos a existência de apenas algumas delas? A questão importante aqui é admitir que queremos controlar tudo. Gostamos de dar nomes e de definir regras. Dessa forma, estabelecemos os juízos, valores e comportamentos, na tentativa de sempre sabermos para onde tudo vai.

O controle é a antítese da criação, do novo, do inesperado, do imprevisível.

Admitir o caos significa abrir um portal.

Lembro de uma colega da escola, nos tempos que antecederam o vestibular. Essa colega, a quem apelidarei aqui de Cau, era destaque em desempenho intelectual, especialmente em física. Nenhuma das suas colegas mais chegadas, nem os colegas, tiveram problemas importantes de conteúdo enquanto conviviam. Cau tinha gosto por ensinar física e matemática. Espontaneamente, criou-se, em torno dela, uma "monitoria de exatas". Hoje, vejo que a menina realmente elevou o nível da classe.

Cau tinha letra feia. Seus cadernos eram quase ilegíveis, desorganizados e todos escritos a lápis de ponta grossa. Não haveria a menor chance de encontrar uma flor estampada ou anotações coloridas com caneta lumicolor.

A menina CDF tinha um Atari 2600. A maior parte dos encontros na casa dela era motivada pelo meu desejo de jogar Dragonfire ou Enduro. Mas Cau gostava de outros jogos. O seu favorito era River Raid. Ela dizia que, além de ser o jogo mais inteligente, foi o primeiro jogo desenvolvido por uma mulher, Carol Shaw, "minha inspiração", dizia ela com satisfação. Falava que essa seria a sua profissão. Eu achava aquilo muito estranho. Nessa época, isso mal se configurava como uma profissão. Inadmissível, portanto, para um moleque como eu (ou mesmo para os adultos), imaginar uma mulher desenvolvendo videogames.

É verdade que ter uma mãe trabalhando na aviação internacional e um pai auditor da Receita Federal poderia beneficiar muito a condição da magrela-gênio-bonitinha-caótica. Tinha acesso a coisas de toda a natureza e muito diferentes das minhas. Mas o curioso para mim é que a Cau sempre tinha alguma coisa diferente na vida, para muito além da sua capacidade intelectual. Ela parecia ter uma "rede de fornecimento de ideias e comportamentos". A menina era singular, muito criativa e imprevisível em falas e comportamentos.

Embora ela fizesse todos os trabalhos e tarefas solicitadas em aula, frequentemente esquecia-se de entregar, perdia, entregava no dia errado. Era engraçada. Certa vez, na data de entrega do trabalho de biologia sobre hereditariedade, a magrelinha não perdeu a linha ao ser convocada pela professora: "Cau, e o seu trabalho?", ao que prontamente respondeu: "Professora, você e os outros professores precisam saber que, a uma quadra da nossa escola, tem uma gangue que ataca os alunos só para roubar trabalhos escolares. É um mercado negro. Eles vendem trabalhos escolares, acredita? Hoje eles me pegaram quando eu vinha pra cá". Professora e colegas riram. Mas a mestra também não perdeu o jeito e devolveu: "claro que acredito, querida. Por isso, esteja aqui, na escola, hoje, até as 17h30, impreterivelmente, com o boletim de ocorrência em mãos, além do próprio trabalho, combinado?".

A isso tudo, entretanto, eu adiciono um episódio, uma fala quase insignificante envolvendo Cau e a professora de literatura. Disse a professora: "Desorganizada

do jeito que você é, não passará no vestibular. Você é caótica, menina. Digo isso para o seu bem".

Cau, sem ser ríspida, respondeu: "Não professora, isso é para o SEU bem. Você me diz isso porque não consegue ver que é justamente o meu caos que me faz ser quem eu sou. Eu me alimento dele. Vejo coisas nele que não estão nos livros. E se eu for aprovada no vestibular do jeito que você quer, não serei eu a fazer o curso."

É óbvio que eu não poderia entender, nem mesmo ter percebido essa fala na época. Só lembro disso porque a Cau conversou o assunto comigo, dizendo que não entendia por que as pessoas se importavam tanto com o jeito dela ser, mesmo apresentando os resultados que os seus críticos não conseguiam alcançar. "Curioso esse negócio de ser chamada de caótica", dizia a magrela sorrindo. "Esse negócio de caos, que as pessoas descrevem negativamente, eu não entendo direito. Mas parece ser muito legal. Eu não penso em fórmulas matemáticas para entender a matemática. Eu apenas entendo. É a mesma coisa com a física e a química. Tudo é uma realidade pra mim. Inclusive, quando eu penso em coisas sem números, acontece o mesmo. Você me entende? Esses dias li uma coisa linda do Mário Quintana que falava sobre os anéis de Saturno. Ele dizia que para lá vão todos os guarda-chuvas perdidos. Isso me fez rir tanto e ficou tão óbvio pra mim que eu poderia colocar isso na prova e até justificar!"

Hoje vejo que não se tratava apenas de uma menina inteligente. Era livre e segura. Me espanto ao lembrar e

penso como seria possível ser assim aos dezesseis ou dezessete anos?

Então eu mesmo respondo: é preciso amar o caos.

A suposta segurança e o controle que adquirimos a partir do que conhecemos são sedutores. Fechamos questões, resolvemos problemas e tocamos a vida. Socialmente, imprimimos poder pela capacidade de solucionar e administrar. Qual seria, então, o problema?

Ouso dizer que o grande problema é aquilo que se perde. É aquilo que deixa de ser. É aquilo que não vai existir.

Repetimos as convenções à exaustão. Invariavelmente nos distanciamos dos riscos em detrimento de criar mais. O custo da novidade nos parece muito alto.

Há um imensurável e indescritível desconhecido no caos. É importante flertar com ele, abrir-se, oferecer-se, arriscar-se. É preciso dar espaço ao absurdo. Só é possível criar no caos (e que grande insegurança eu tenho ao escrever isso, mas, pois bem, está dito).

Eu nunca mais ouvi falar da Cau. Só sei que ela entrou pra faculdade de física. Tenho vontade de encontrá-la.

Pensando aqui, saudoso dessa fase da vida que eu quase nem percebi, tamanha a minha vontade de jogar Dragonfire e Enduro no Atari 2600. Eu queria ouvir a Cau contando que foi assaltada pela gangue dos trabalhos escolares, imprimindo vida no que é improvável.

O caos da Cau não é bom ou ruim, certo ou errado. Ele nem significado tem.

# Quase Suicida

Ficou difícil pra mim. Perdi o gosto por viver. Não sei de que jeito vou encerrar a minha vida. Mas não gosto do ambiente em que vivo. Não suporto ter que explicar o óbvio diariamente. Não suporto explicar o meu senso de humor, as piadas. Não aguento a distância dos que me cercam. Parecem todos surdos e cegos.

Não há espaço pra mim e para as coisas que julgo essenciais. Tudo me agride. Mas o principal é a falta de interesse pelo que trago e proponho. Absolutamente nada interessa. Não sou importante e acho que não há autoestima que consiga manter-se diante desse cenário.

Minha inteligência, minha sensibilidade, inquietação, proposição, soluções, críticas, música, textos... absolutamente nada tem qualquer importância nesse meio medíocre.

Se eu conseguir me matar, também não serei compreendido. Mas cogito descansar dessa tensão ambiental em que minha vida se transformou. Maldita dúvida. Desejo grande. Minha impotência não consegue nem mesmo resolver isso. Tenho medo. Mas isso está começando a virar uma necessidade.

O afeto dos que me cercam nada mais é do que um conceito. Não acredito que ele tenha existido. Houve atração, isso sim. Pessoas foram atraídas pela ideia do que eu parecia ser. Mas nada foi além disso.

Hoje eu preciso de mais. Eu necessitaria que as pessoas ao meu redor se esforçassem um pouco para remover as camadas. Não são muitas. Eu sempre fui aberto. Mas, mesmo assim, não consigo ninguém que o faça. Não despertar o interesse nessas pessoas só prova o quanto eu sou desinteressante para elas. Eu fracassei.

Estou nervoso. Começo a ter medo, pois sinto minha vontade de morrer cristalizar-se. Minhas mãos tremem. Minha indignação cresce. Minha lógica acena. Não sei como vou fazer. Tenho medo da dor. Tenho medo. Tenho medo de não encontrar a paz.

Minha dor só alivia quando eu estou diante de alguma coisa bonita. Aí eu sinto uma espécie de cura, uma espécie de paz eterna, uma coisa realmente profunda e inexplicável.

A minha vida não alcançou a minha imaginação. Mas imaginar me deixou vivo. Foi o meu bálsamo. Minha mente fez o que pode para contornar os meus equívocos.

Escolhi caminhos errados. Vacilei nos caminhos certos.

Há prazeres que não terei forças pra buscar. Eu queria terminar meus dias em uma cidade bonita e silenciosa. Um lugar em que eu admirasse a virtude que voga no ar.

Não é bonito terminar os dias em São Paulo. Quando penso nesse disparate parece que algo me mobiliza a tentar mais um pouco.

Não quero ser enterrado sob essa terra que semeia pessoas egoístas. Todos são peritos em explicar a vida através do trabalho e dessa porra que eles insistem chamar

de “realidade”.

Aqui não há hospitalidade. Aqui não há solicitude. Não há empatia.

Aqui só existe trabalho. Aqui só existe explicação para o que deveria ser feito. Aqui é o lugar onde não quero mais ficar, nem mesmo morto.

Eu gostaria de viver em um lugar onde a cultura local contemple as pessoas discretas, as inteligentes, as observadoras, as líricas, as que pensam, as pacatas e as tediosas.

Talvez, assim, eu tivesse algum reconhecimento.

Não respeitarão a minha morte. Nem mesmo a minha vida. “Ele não se esforçou”. “Ele não isso, ele não aquilo”. É isso que dirão. Os comuns gostam dessas coisas. Os comuns acham que chorar demonstra coisas profundas. Os comuns continuarão suas vidas comuns. Dirão uns para os outros “a vida continua”, entre outras pérolas.

Todas as receitas de vida feliz serão evocadas quando eu morrer.

Minha morte será meu riso de paz.

Meu riso de ver chuva. Meu riso de ver criança. Minha lágrima de escutar música. Minha gargalhada feliz pela inteligência de Fernando Pessoa e Machado de Assis escrevendo juntos. Lerei um livro escrito por Guimarães Rosa e Gabriel Garcia Márquez.

Quando eu morrer, é assim que me sentirei. Quando eu morrer, terá passado o medo da dor. Acho que estarei bem.

Por enquanto, sigo com medo de “me morrer”. Sim, de me morrer.

Tenho medo de ter calor. Não quero dor. Tenho medo de desmaiar.

Mas, e se não houver Pessoa, Guimarães, Gabriel e Machado pra ler depois da morte?

Isso, sim, seria o inferno. Esse risco eu não corro. Continue vivo, rapaz.

# Sobre o autor



Marcos Davi Ferreira é músico e psicólogo, nascido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Na música, construiu uma trajetória dedicada à composição e à interpretação, com trabalhos apresentados no Brasil e em diversos países da Europa e da América Latina. Foi indicado ao Prêmio Açorianos de Música em 2006 pelo CD *Casa III* e teve seu trabalho selecionado pelo programa Rumos Música, do Itaú Cultural. É autor do livro *Composições Para Violão Brasileiro*, publicado pela Editora Som, além de ter participado de diversos trabalhos em colaboração com outros artistas.

Formado em Psicologia pela Universidade de Guarulhos, atua como psicólogo clínico. Possui experiência no cuidado

da saúde mental, com atuação voltada ao atendimento de pessoas que enfrentam problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas. Sua prática clínica é orientada pela psicanálise. É criador do canal *Subtexto de Mim*, no YouTube, dedicado a estudos e reflexões sobre as relações entre a psicologia e a literatura universal.

Seu percurso também inclui a docência musical, a escrita e o estudo da literatura.

www.marcosdavi.com.br

# Agradecimentos

Edna Tibério

Cristina Dantas

Sonia Maria Silva

# A conversa continua

Este livro não pretende encerrar as questões que apresenta.

Criei um grupo no WhatsApp para conversar com os leitores sobre a história, seus personagens e as diferentes interpretações que ela pode despertar.

O espaço é aberto a quem desejar participar da conversa.



Participe do grupo de leitores

Toque aqui para acessar o grupo